

"Caminhos nunca são linhas retas. Eles zigzagueiam, sobem e descem colinas e vales. Eles chegam a becos sem fim. Mas quando colocamos nosso melhor pé adiante, podemos nos aventurar na direção da utopia, em direção a um mundo que venha de baixo, para todos e por todos. Com grande cuidado encontramos pedras nas quais podemos pisar para os destinos mais maravilhosos. Então nos esforçamos para emendar paisagens inteiras de práticas não-hierárquicas. Chutamos os vidros quebrados do nosso caminho. Às vezes nos perdemos. Mas a passagem precária em si mesma é um mapa para uma sociedade liberadora. Nos damos as mãos, desejando atravessar de novo. Quando a escuridão desce, construímos acampamentos de fogo a partir das fagulhas da possibilidade, e vemos outras chamas à distância."

- Paths toward Utopia, Cindy Milstein



O ANARQUISMO E SUAS ASPIRAÇÕES

ANTI
EDITORA

O ANARQUISMO E SUAS ASPIRAÇÕES

APONTAMENTOS DE RAFAEL REINEHR DA OBRA DE CINDY MILSTEIN



O Anarquismo e suas Aspirações

O Anarquismo e suas Aspirações, Apontamentos de Rafael Reinehr da obra de Cindy Milstein

A edição original foi publicada em 2010 pela AK Press e pelo Instituto para Estudos Anarquistas (IAS)

Design da capa: Luiz Carioca
Diagramação: Rafael Reinehr
Apontamentos e Tradução: Rafael Reinehr
Revisão: Bruno Freitas

1ª edição – 200 exemplares - Impresso na Gráfica Soller, em Morro da Fumaça - SC a pedido da AntiEditora – Editora Libertária de Araranguá – SC

AntiEditora

Rua Sergipe, 339
Araranguá – SC
CEP 88900-000
Brasil
anti@antieditora.net
antieditora.net
+55.48.3524.8238



CEHLA

Coletivo de Estudos Humanistas,
Libertários e Anarquistas
cehla@bolo-bolo.co
cehla.bolo-bolo.co



bolo'bolo

centro social anarquista e café vegano
viva@bolo-bolo.co
bolo-bolo.co



O Anarquismo e suas Aspirações

**Apontamentos de Rafael Reinehr
da obra de Cindy Milstein**

| AntiEditora |

**| CEHLA – Coletivo de Estudos Humanistas, Libertários e
Anarquistas |**

| bolo'bolo – centro social anarquista e café vegano |

Dos Coletivos que viabilizaram a publicação desta obra em português:

AntiEditora: A Anti é uma editora essencialmente libertária. Funciona de forma cooperativa. Ninguém recebe um vintém se não for por gratidão. Nosso trabalho é feito de forma colaborativa e voluntária, pelo bem do conhecimento humano e pela expansão das éticas e ideais socialistas libertários, em busca de uma sociedade mais equânime, pautada pelo apoio mútuo, autonomia, autogestão e solidariedade. Visite antieditora.net, entenda como funcionamos e saiba como colaborar.

CEHLA: O Coletivo de Estudos Humanistas, Libertários e Anarquistas é uma biblioteca, centro de estudos, pesquisa e publicação de textos anarquistas, socialistas libertários e utópicos. Armazena, empresta e ajuda a disseminar obras que nos fazem refletir sobre a condição humana, sobre a vida em sociedade, sobre nossas relações com o outro e com a Natureza e sobre a capacidade destrutiva mas também regenerativa do ser humano. Sediado em Araranguá, no sul catarinense, está sempre aberto para receber sua visita, tanto localmente quando através do cehla.bolo-bolo.co

bolo'bolo: Este Centro Social Anarquista e Café Vegano localizado em Araranguá – SC ainda vive somente no plano das ideias. Será um infoshop, café e biblioteca, hospedará fisicamente tanto o CEHLA quanto a AntiEditora e será um local para reuniões, colóquios, confraternizações e troca de produtos saudáveis, saberes, viveres e devires. Espaço para conversas inspiradoras, com bons cheiros, sabores e muita alegria. Acompanhe esse sonho em bolo-bolo.co

Índice:

Prólogo	3
O Anarquismo e suas Aspirações	7
A Promessa Anarquista para a Resistência Anticapitalista	71
Democracia é Direta	83
Retomada das Cidades: do Protesto ao Poder Popular	93
Epílogo - Caminhos para a Utopia	105

O Anarquismo e suas Aspirações

*Uma coleção de apontamentos e reflexões a partir da leitura do livro de Cindy Milstein, **Anarchism and Its Aspirations***

Prólogo

Um livro ao mesmo tempo conciso, profundo, fácil de ler e ao mesmo tempo atualizado acerca das lutas libertárias nas primeiras décadas do século XXI.

Os apontamentos a seguir foram retirados do livro **Anarchism and Its Aspirations** de **Cindy Milstein** e são entremeados por reflexões e comentários de Rafael Reinehr.

Se a um primeiro olhar o livro remete com frequência à história do movimento anarquista majoritariamente a partir do ponto de vista norte-americano e europeu, isso se justifica pelo fato de que o movimento anarquista na América Latina e fora daqueles dois continentes ainda é pouco conhecida por parte do público norteamericano e, ainda por cima, contamos com a barreira da linguagem, que dificulta que as histórias que temos historicamente contado em português e espanhol cheguem adequadamente a ouvidos suficientemente globais. Veremos muito conteúdo para nossa língua - estes apontamentos são um exemplo disso, mas raramente temos o hábito de traduzir nossas publicações libertárias para o inglês ou mesmo o espanhol, francês, italiano e alemão.

O objetivo destes escritos é contribuir com a construção de um melhor entendimento do Anarquismo, construir um melhor Anarquismo e encorajar novos anarquistas bem como o surgimento destes. Espera-se que estes apontamentos acendam um debate sobre o que o Anarquismo poderia ser, em primeiro lugar porque queremos que sejamos efetivos - que vençamos - e isso envolve um diálogo crítico, construtivo e integral para nossa prática prefigurativa.

Com este livro, queremos estender uma mão compassiva e solicitar que você, quer seja velho ou novo no Anarquismo, fique por perto e ajude a acelerar os processos pelos quais estamos lutando.

Queremos todos nós lutando pelo que há de melhor no Anarquismo, não somente por nós mesmos mas de forma a construir uma sociedade livre, com indivíduos livres que o Anarquismo tão generosa e amorosamente luta para alcançar para todos.

Sim, o mundo está incrivelmente bagunçado; ao invés de se retirar, entretanto, é imperativo que avancemos em direção a uma "Comunidade de comunidades" igualitária.

Espero que ao final do livro tenhamos conseguido responder à pergunta: "*Como é a sociedade que queremos?*"

E, inspirados pelo bom, verdadeiro e belo que o Anarquismo objetiva, contagiá-lo a feliz e ainda assim diligentemente abraçar - ou continuar a fazê-lo com renovado vigor - o espírito libertário do Anarquismo.

...

A primeira década do século XXI foi muito significativa para o Anarquismo, providenciando uma série de eventos (e exemplos) que começaram ainda no final do século passado (Chiapas, México, Exército Zapatista de Libertação Nacional, 1994) e a Batalha de Seattle, 1999) e seguiram-se com os eventos na Argentina (2001/2002), Genova, Oaxaca, Grécia, Primavera Árabe, Occupy Wall Street, 15M, levantes de junho/julho de 2013 no Brasil...

Estes acontecimentos somados levaram a um "inchaço" no número de pessoas que se autodenominam anarquistas; isso, por sua vez, levou ao florescimento de uma "infraestrutura anarquista", desde um aumento dramático de cenários sociais e infoshops até um surto de projetos tocados coletivamente para suprir necessidades como suporte legal, comida e arte.

Foram desenvolvidas redes globais informais porém articuladas de troca e solidariedade, facilitadas por tudo desde usos compartilhados e seguros de tecnologias de comunicação e mídia independentes até redes de apoio mútuo nos mais diversos campos do conhecimento a atuação humanos.

Juntamente com cabeças afins, nos engajamos em fóruns de política cara-a-cara que nos forneceram uma nova imaginação radical através de numerosos dias de ação, consultas e convergências, e movimentos horizontais.

A primeira parte destes apontamentos, o Capítulo 1, reflete nosso otimismo de que a constelação anarquista de éticas, juntamente com suas práticas dinâmicas, pode nos unir e inspirar bem como a muitos outros, para o trabalho pesado que nos espera de forjar um mundo de baixo para cima.

"Mesmo quando eu amo o que faço, eu odeio o capitalismo"

"Não é como nos chamamos uns aos outros - anarquistas, socialistas, comunistas - que conta, mas como nos comportamos"

E, refletindo sobre a forma que os anarquistas escolhem agir, parece que existe algo de especial nela, apesar de todas as chances contra deste momento histórico: com empatia, tangivelmente dando de nós mesmos e fazendo-o nós mesmos, em direção a uma forma de organização social na qual será rotina agir de forma mutualista.

...

Uma vez perguntaram a Ashanti Alston, anarquista dos Panteras Negras, como ele aguentou ficar 12 anos na cadeia, e ele respondeu, com olhos brilhantes: *"Foi o período mais cheio de esperança da minha vida, porque todos os dias nós estávamos esquematizando sobre como fugir da prisão"*.

Ninguém deveria viver nas celas do Capitalismo, do Estado, ou de outra forma de dominação ou opressão, mas já que vivemos, as aspirações anarquistas oferecem uma chave para acharmos nossa saída.

O Anarquismo e suas Aspirações

"Por espírito anarquista eu quero dizer daquele sentimento humano profundo, que busca o bem de todos, solidariedade e amor entre as pessoas, o que não é exclusivamente uma característica dos autodeclarados anarquistas, mas inspira todas as pessoas que têm corações generosos e uma mente aberta"

Errico Malatesta, Umanita Nova, 13 de abril de 1922

No seu centro, o Anarquismo é realmente um espírito - que grita contra tudo que está errado com a sociedade atual, e claramente proclama tudo que poderia estar certo sob formas alternativas de organização social.

O que é o Anarquismo exatamente?

Muitas definições já foram feitas desde o surgimento da palavra como uma filosofia política distinta dentro da tradição revolucionária. Vamos tentar introduzi-lo com a vantagem de um ponto-de-vista do início do século XXI.

Em primeiro lugar, precisamos concordar que nossa humanidade está profundamente machucada pelo mundo alienado e controlado no qual habitamos. O Anarquismo defende que as pessoas seriam muito mais humanas sob relações e arranjos sociais não hierárquicos. A seguir, precisamos nos concentrar nas Éticas - os valores pertinentes a como os humanos conduzem a si mesmos - que tornam o Anarquismo uma sensibilidade política distinta. O Anarquismo serve como uma filosofia da liberdade, como uma consciência viva de que as pessoas e

suas comunidades podem ser sempre melhores.

Em uma só sentença: o Anarquismo pode ser definido como uma busca em direção a uma sociedade livre composta por indivíduos livres.

Significado do "A"

O "A" representa a antiga palavra grega Anarkha - que combina a raiz an(a) - "sem" e arkh(os) - "governante, autoridade" - significando a ausência de autoridade.

Mais contemporaneamente, e de forma mais acurada, ela representa tanto a ausência de dominação (controle de alguém sobre outro) e hierarquia (relações ranqueadas de poder de dominação e subordinação). O círculo pode ser considerado um "O", representando "ordem" ou, melhor ainda, "organização"; lembrando da seminal definição de Pierre-Joseph Proudhon em A Propriedade é um Roubo: "Da mesma forma que o homem busca justiça na igualdade, a sociedade busca a ordem na Anarquia."

O "A" simboliza o Anarquismo como um duplo processo: a abolição da dominação e de formas hierárquicas de organização social - ou relações sociais "poder sobre" - e sua substituição por versões horizontais - ou "poder juntos e em comum" - novamente, uma **sociedade livre composta por indivíduos livres**.

O Anarquismo é uma síntese do melhor do liberalismo e o melhor do comunismo, elevado e transformado pelo melhor das tradições de esquerda libertária que trabalham em direção a uma sociedade igualitária, voluntária e não hierárquica.

O projeto do liberalismo e o seu sentido mais amplo é garantir a liberdade pessoal. O projeto máximo do comunismo é garantir o bem comum. Um busca um indivíduo que pode viver uma vida emancipada e o outro busca uma comunidade estruturada ao longo de linhas coletivistas. Ambas são noções de valor. Infelizmente, a liberdade nunca pode ser alcançada desta maneira excludente: através do indivíduo ou da sociedade. Os dois necessitam necessariamente entrar em conflito, quase instantaneamente. A grande sacada do Anarquismo foi combinar o indivíduo e a sociedade em uma única visão política: ao mesmo tempo, eliminou o Estado e a propriedade como os pilares de suporte, baseando-se em seu lugar na auto-organização e o apoio mútuo.

O Anarquismo entende que em qualquer forma de organização social, especialmente uma que busque uma erradicação completa da dominação, que se baseie na premissa tanto da liberdade individual quanto coletiva - ninguém é livre a não ser que todos sejam livres, e todos só podem ser livres se cada pessoa puder individualizar ou atualizar a si mesmo da forma mais ampla possível.

O Anarquismo também reconheceu, mesmo que intuitivamente, que tal tarefa de harmonizar liberdade individual e coletiva é tanto um ato de balanço constante e "do que é feita" a vida real. A liberdade de uma pessoa necessariamente infringe a de outra, ou mesmo o bem de todos. Nenhum bem comum pode atender as necessidades e desejos de todo mundo. Isso não quer dizer lavar as mãos e escolher pelo caminho ou do liberalismo ou do comunismo - privilegiando um lado da equação, de forma artificial - na esperança de resolver esta tensão em andamento.

Desde o início, o Anarquismo perguntou a muito mais difícil mas em última instância pragmática questão: "Levando em conta estas "colisões" sociedade X indivíduo como parte da condição humana, como podem as pessoas coletivamente auto-determinar suas vidas para se tornarem quem elas querem ser e ao mesmo tempo criar comunidades que são tudo o que elas poderiam ser também?"

O Anarquismo entendeu que esta tensão é positiva, como uma parte criativa e inerente à existência humana. Ele destaca que as pessoas não são todas iguais, nem precisam ser, nem necessitam, querem ou desejam as mesmas coisas.

No seu melhor, a aspiração anarquista básica por uma sociedade livre composta de indivíduos livres dá transparência ao que deve ser uma dissonância harmônica e produtiva: encontrar caminhos para coexistir e nos desenvolver em nossas diferenças.

Anarquistas criam processos que são humanos e substancialmente participativos. São honestos sobre o fato de que sempre haverá mal-estar entre a liberdade individual e social. Garantem que será uma luta contínua encontrar o equilíbrio ideal. Esta luta é justamente aquela na qual o Anarquismo se localiza, aparece, acontece.

Ele acontece, hoje em dia, em situações nas quais nem nos damos conta. Em projetos de pequena escala como cooperativas de cicloativistas, permacultores, bioconstrutores, em cooperativas de produção e consumo das mais variadas, situações de compartilhamento de recursos, escolas livres – e em todas situações em que as pessoas coletivamente fazem decisões cara-a-cara sobre

assuntos grandes ou mundanos.

Isso não é algo que a maior parte das pessoas na maioria das partes do mundo é encorajada a ensinar (ou aprender); pois isto contém o kernel, o código-fonte, o coração do que é necessário para destruir o atual sistema de arranjos sociais verticais. Desta forma, não somos nem particularmente bons nem eficientes em processos democráticos diretos. Mecanismos de tomada de decisão em conselhos são trabalho duro. Eles levantam questões difíceis, como por exemplo "como lidar com conflito de formas não punitivas". Mas através deles, as pessoas se "escolarizam" no que pode ser a base para a auto-governança coletiva, para redistribuir poder a todos. Quando funciona bem, temos um profundo senso dos tipos de processos ou acordos que podemos fazer e manter uns com os outros.

No micronível e em outros muito maiores, o Anarquismo forma "a estrutura da nova sociedade dentro da casca da velha", como o preâmbulo da constituição mundial dos trabalhadores industriais afirma. De forma ainda mais crucial, ele auto-determina a estrutura do novo a partir dos espaços de possibilidade dentro do velho.

O Anarquismo precisa permanecer dinâmico se ele realmente quiser desmascarar novas formas de dominação e substituí-las por novas formas de liberdade, precisamente devido à sempre presente tensão entre liberdade individual e coletiva.

Auto-organização necessita da participação de todos, o que requer estar sempre aberto a novas questões e ideias.

Quando as pessoas são introduzidas ao Anarquismo hoje, esta abertura combinada com a propensão cultural a esquecer o passado, pode fazer com que pareça uma invenção recente - sem uma tradição elástica, preenchida com debates, lições e experimentos, para construir sobre. Pior ainda, pode parecer uma prática política do tipo "tudo vale" - libertino sem o libertário - sem consideração por como os atos de uma pessoa impactam outra pessoa (ou pessoas) ou mesmo a comunidade.

Precisamos estudar a história anarquista para evitar repetir os erros, mas também para saber que não estamos sozinhos no que tem sido e vai ser a pedregosa e cheia de desvios "via para a utopia".

Olhando para trás

"Harmonia... (é) obtida (através)... de livres acordos realizados entre vários grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos para o propósito de produção e consumo, e também para a satisfação da infinita variedade de necessidades e aspirações de um ser civilizado"

Piotr Kropotkin, "Anarchism", 1910

O Anarquismo clássico enquanto filosofia política nasceu no meio do século XIX, como um conjunto particular de práticas e crenças políticas. Houveram, antes disso, inumeráveis comportamentos humanos e formas de organização que datam de milênios que poderiam ser classificados como "anarquistas" (organização horizontal e sem divisão sexual do trabalho, das tribos caçadoras

coletoras, por exemplo). Mas, como prática distinta, uma constelação de atributos que vamos explicar a seguir, surgiu em 1840.

Iniciou na Europa, um grupo não monolítico de países e cultura que por sua vez, espalharam uma variedade de tendências anarquistas. Dali, rapidamente viajou e se desenvolveu em outros lugares pelo mundo.

O Anarquismo na Europa surgiu a partir das, em parte, centenas de anos de rebeliões de escravos, levantes de camponeses e movimentos religiosos heréticos nos quais as pessoas decidiram que "já basta", e nas formas relacionadas de experimentação com várias formas de autonomia. Foi também em parte influenciado pelo Iluminismo através do século XVIII que, no seu melhor, popularizou as noções pivotais, em grande grau teorizadas por estes revoltados:

A primeira ideia era que indivíduos têm capacidade de raciocinar, de possuir razão própria. Pode parecer auto-evidente hoje, mas na época era uma revolução. Por séculos as pessoas cresceram acreditando que a razão só poderia ser verificada a partir da palavra de um monarca ou deus/sacerdote. O Iluminismo deu voz às ideias das lutas sociais e, espalhando-se pela sociedade, gradualmente fez desaparecer esta auto-abnegação e promoveu uma progressiva compreensão de que cada um teria a habilidade de pensar por si mesmo.

Isto levou à segunda ideia: se os humanos têm capacidade de racionalizar, então eles também têm a capacidade de agir sobre seus pensamentos. Uma noção explosiva, pois até então só se agia de acordo com um todo poderoso rei

ou deus, através de uma toda poderosa monarquia ou igreja.

Ainda, e talvez mais libertadora, a terceira ideia surgiu: se as pessoas podem pensar e agir por iniciativa própria, então literalmente salta ao juízo o fato de que elas podem potencialmente pensar e agir nas noções para gerar uma boa sociedade. Elas podem inovar, podem criar um mundo melhor.

Um grupo de pensadores do Iluminismo oferecia uma concepção completamente nova da organização social, retirada da prática mas ainda articulada com a teoria, indo de direitos individuais a auto-governança.

Avanços tecnológicos na imprensa facilitaram a relativamente ampla disseminação desse material escrito pela primeira vez na história humana, através de livros, panfletos e periódicos. Novos espaços sociais comuns como cafés, bibliotecas públicas e "speaker corners" ("cantos de faladores") em parques ampliaram a possibilidade de debate acerca destas ideias incendiárias e ajudaram a espalhá-las ainda mais.

Nada disso garantiu (e não garante até hoje) que as pessoas pensem por si mesmas, ajam por si mesmas ou ajam com uma preocupação com toda a humanidade. Mas o que foi pelo menos teoricamente revolucionário sobre esta virada copernicana foi que, antes disso, a vasta maioria das pessoas largamente não acreditava no seu próprio agenciamento ou habilidade para se auto-organizar de forma tão interconectada, auto-consciente e crucialmente, de forma tão disseminada. Eles nasciam em uma vila isolada como um servo com a expectativa de viver

toda a vida assim. Em resumo, aceitavam sua carga e ordem social como uma rigidez natural ou dada por deus - com quaisquer esperanças de uma vida melhor colocada na vida após a morte.

Devido à relação catalítica entre teoria e prática, muitas pessoas acabaram abraçando estas 3 ideias iluministas, levando a um grupo de ideologias libertárias, desde os congregacionistas religiosos ao republicanismo secular, liberalismo e socialismo. Esses novos impulsos radicais tomaram a forma de vários motes políticos e econômicos, contribuindo para o surgimento de revoluções pela Europa e em lugares como o Haiti, EUA e México, período esse que iniciou por volta de 1789 e durou até cerca de 1871 (reaparecendo no início do século XX). Monarcas, aristocratas e deuses foram derrubados pelas ondas das revoluções, e uma era de absolutismo e governos arbitrários estava chegando ao fim. Em seu lugar, frequentemente após lutas de poder entre os próprios radicais, um novo zeitgeist político havia aparecido: variações seculares de parlamentarismo ou democracia representativa.

O conceito de "terceira revolução" de Murray Bookchin captura isso bem: primeiro existe uma derrubada revolucionária de um regime despótico, então uma estrutura revolucionária com democracia direta emerge, apenas para ser esmagada por forças de dentro do ambiente revolucionário que então institui novas formas de tirania.

Este período foi testemunha de grande potencial libertário e revolucionário, e também presenciou a constituição e ascensão do Estado Moderno, que trouxe consigo uma

nova hipercentralização e hiperindividualismo. Todo esse contexto era solo fértil para o desenvolvimento do Anarquismo como uma sensibilidade antiestatista e utópica.

O capitalismo surgia, e a Revolução Industrial foi especialmente transformativa. Ela disfuncionou as economias de subsistência rurais (através dos *enclosures*, cercamentos privados de pastos para pecuária de ovelhas voltadas para a produção de lã para a vicejante indústria têxtil, compelindo a uma migração em massa para as cidades crescentes e fábricas, em direção ao trabalho assalariado ou para a servidão disfarçada). Essa mudança tectônica oferecia tanto uma promessa quanto uma nova forma de empobrecimento em massa. As pessoas estavam livres dos constrangimentos das tradições dos vilarejos, como relações de parentesco proibidas e crenças religiosas, para não mencionar as estruturas de poder emanando das catedrais e dos castelos. Eram expostas a várias culturas, ideias e experiências no mix urbano, o que para alguns representava novas formas de liberdade. Ao mesmo tempo, a vida nas rapidamente crescentes metrópoles também significava a piora das condições de vida para a maioria das pessoas, e o trabalho geralmente era explorado.

Sob a égide do capitalismo, a "economia" começou a ganhar importância sobre todo o resto, incluindo a vida humana e o mundo não humano, progressivamente reestruturando as relações sociais.

Mais do que ninguém em seu tempo, Karl Marx capturou o caráter essencial do que viria a ser (até hoje) a estrutura social hegemônica - articulando estes saberes em seu "O Capital" (1867), bem como nos seus manuscritos anteriores, de 1844, Manuscritos Econômicos e Filosóficos.

Mais do que "simplesmente" uma forma de exploração econômica dividindo o mundo em alguns poucos "possuidores" e muitos "não possuidores", ou aqueles que possuem os meios de produção e aqueles escravizados pelo trabalho assalariado, a lógica inerente ao capitalismo de crescer ou morrer reconstituiria a totalidade da vida em sua imagem. Ele naturalizou valores como competição e dominação de humanos sobre outros humanos, como se estas fossem condições normais da vida, como respirar ou se alimentar, e tornou estes valores progressivamente hegemônicos.

Essa lógica se abre dialeticamente a partir da bem essencial, ou "forma celular" do capitalismo: um objeto não é mais definido por quão valioso ele é (valor de uso) mas pela capacidade de troca (valor de troca). Ao invés das coisas possuírem valor inerente a elas mesmas, toda vida se torna instrumentalizada dentro do sistema capitalista. O capitalismo é necessariamente compelido a "mercantilizar" mais e mais coisas, materiais e imateriais, afetivas e ecológicas, o mundo todo, se possível. "Valor" é determinado por quanto alguém tem para trocar e acumular: dinheiro, propriedade, ou especialmente poder sobre outros.

"Coisas-como-mercadorias" - de bens e trabalho humano, a sistemas de valores e estruturas sociais - parecem cada vez mais independentes da criação humana. Dessa forma, as pessoas se tornam alienadas, estranhas ou aparentemente removidas de um mundo que é atualmente feito por elas e que poderia ser refeito de uma forma alternativa, humana.

Como a Internacional Situacionista mais tarde adicionou, as pessoas se tornam expectadoras ao invés de atoras de suas

próprias vidas - vidas crescentemente controladas e mortificantes, ou mesmo mortais, dependendo se alguém está empregado ou não.

Tamanha "grande transformação", parafraseando Karl Polanyi, foi um solo fértil para o nascimento do socialismo revolucionário; com uma sensibilidade anticapitalista e emancipatória, as organizações e movimentos socialistas de massa se engajaram em uma variedade de lutas sociais.

Hoje, vemos uma situação similar com o advento e uso crescente das plataformas de rede e mídias sociais; iniciativas em vários campos surgem e são realizadas todos os dias. Entretanto, entre um e outro curtir, assinar manifesto ou petição, marcha ou intervenção, ainda precisamos voltar, nos entremeios, à realidade de sermos exploradores ou explorados.

Estamos exercendo uma pseudoliberalidade ao agir conforme nossos propósitos, mas nossa mira erra o alvo sempre, pois ele está camuflado e nenhum ataque é feito, de forma sistemática, significativa, forte e relevante às bases do sistema capitalista, que se renova e - já sabemos disso desde maio de 68 - absorve as revoluções e as mercantiliza, vendendo camisetas, bandanas, livros e "programas especiais" na TV sobre a revolução.

Até o fim destes apontamentos, esperamos ter elencado um conjunto de caminhos viáveis para tornar a mudança social possível, desde já.

Seguindo a história, das diferentes lutas, contestações políticas, análises, objetivos e estratégias, surgiram duas linhas, com alguma frequência antagonistas, dentro do

socialismo revolucionário, dois "campos de batalha": socialismo libertário X socialismo não libertário (ou, menos generosamente, autoritário). Ambos buscavam transformar a sociedade através da luta de classes, buscando abolir a propriedade privada e as classes, em favor de formas comunitárias de justiça e igualdade.

Como o capitalismo apenas continuará expandindo e não irá "negociar" com outros sistemas econômicos, os socialistas consideram a abolição do capitalismo como uma chave para a libertação humana.

Pessoalmente, acredito em uma fase de transição suave (mas nem tanto), em que indivíduos, coletivos, movimentos, cooperativas e redes passem a gradativamente construir sua interdependência fora do sistema capitalista, apreendendo conhecimento, materiais, meios de produção e, nesse caminhar, progressivamente passem a "desaparecer" do sistema atual, sistematicamente esvaziando-o e o fazendo colapsar pela incapacidade de lidar com suas incoerências. Isso acontecerá à medida que estes indivíduos e grupos aperfeiçoem suas próprias redes de comunicação, fóruns permanentes, confederações e acordos de trocas e benefícios mútuos.

Precisamos entretanto ficar atentos às medidas regulatórias estatais neofascistas que visam justamente impedir o avanço de medidas liberadoras, como por exemplo o impedimento de produção alimentar e de pequenos animais em ambientes urbanos; a crescente burocratização sanitária, impedindo o comércio de bens (geléias, pães, produtos alimentícios em geral) produzidos em pequena escala, em ambiente doméstico; regulamentações econômicas que visam tributar ou dificultar trocas diretas

(meus nabos orgânicos pelo seu design de uma página web para mim); a proibição da captação da água da chuva, da produção da energia elétrica a partir do sol; a criminalização de mecanismos tradicionais de compartilhamento nos mais variados formatos (empréstimos, caronas, uso compartilhado de bens e serviços); e a censura dos meios de comunicação, primariamente a internet (mas também as frequências e espectros de onda), através dos filtros prévios à publicação de conteúdo e outras normativas que só interessam a grandes corporações e instituições centralizadoras de poder e capital.

...

Na época de Kropotkin e Bakunin, os anarquistas viam nas classes trabalhadoras das fábricas e dos campos, bem como nos artesãos, os principais agentes da revolução. Sentiam também que muitos socialistas estavam do lado "direito" ou não libertário do Anarquismo, suaves na sua crítica do Estado. Estes primeiros anarquistas já visualizavam o Estado como igualmente corresponsável em estruturar a dominação social. O Estado complementava e trabalhava com o Capitalismo, mas era uma entidade distinta. Como o Capitalismo, o Estado não "negocia" com outro sistema sócio-político. Ele busca tomar mais e mais espaço da governança. Ele não é neutro nem pode ser "checado e balanceado". O Estado tem sua própria lógica de comando e controle para monopolizar o poder político.

Como forma de contrabalançar o poder exercido pelo Estado, o Anarquismo pode estabelecer uma agenda

pedagógico-política que visa, por exemplo, construir um "plano" que objetiva, no menor tempo possível, substituir a atual forma de governo por formas de deliberação baseadas na democracia direta, nos livres acordos, na cooperação e no apoio mútuo. Poderia fazer isso, por exemplo:

1. instituindo Conselhos Populares em todos assuntos de interesse comum, mesmo que estes não sejam reconhecidos pelos órgãos oficiais (não os reconhecemos mesmo!);
2. criando espaços de livre debate em locais públicos, para reforçar o diálogo popular acerca da coisa pública;
3. criando fóruns permanentes que se abram para todos indivíduos e organizações da sociedade civil, em todas vizinhanças, vilarejos ou municipalidades;
4. exigindo a delegação cada vez maior de poder aos Conselhos Populares, e promover uma abertura e empoderamento cada vez maior destes (ver a Escada da Participação Cidadã, de Sherry Arnstein);
5. garantindo a transparência de todas reuniões e deliberações;
6. mantendo um sistema de criação pública de boas práticas e bons costumes, com divulgação e disseminação destas pelas comunidades;
7. propondo centros comunitários e populares de mediação de conflitos, etc.

Enquanto os anarquistas afirmam que não podemos usar o

Estado para desmontar o Capitalismo, eles defendem uma perspectiva "sem deuses, sem mestres" centrada em volta de 3 grandes preocupações de sua época - capital, estado e igreja. Não que os anarquistas não levassem a sério a máxima do Manifesto Comunista, que afirmava que "toda a história da sociedade é a história da luta de classes", mas é que para eles (bem como para nós, hoje em dia), existem outras histórias, outras lutas que o Anarquismo foi evidenciando nas décadas seguintes. As causas das minorias negra, gay, feminina, anti-guerra, anti-nuclear, anti-opressões econômicas, todas parecem ser justas e merecem nossa atenção. A utilização de ferramentas sociais pela internet tornou a disseminação de "causas" tão eficiente e fácil que acabou gerando uma profusão das mesmas, dando a sensação de que não existe uma "causa maior" pela qual se deva lutar. O ativismo de sofá e o ativismo de fim de semana, enquanto conseguem apoiar algumas destas causas menores, não está sendo capaz de sequer arranhar as estruturas do Estado e do Capitalismo, e os apelos do consumo e as necessidades básicas da vida distraem os olhares do humano médio, que precisa, na maior parte do seu dia, entregar seu tempo ao sistema para garantir sua subsistência e um grau variável de conforto e atendimento de desejos, alguns pessoais e intrínsecos e outros, em sua maioria, construídos pela máquina midiática e publicitária.

Para mudar esta situação não existe uma estratégia única eficaz. Várias abordagens simultâneas necessariamente devem ser postas em prática.

1. Estratégias de educação, conscientização e despertar - filmes, livros, periódicos, rádios, panfletos, seminários, intervenções urbanas, etc.

2. Ações práticas, que sirvam como exemplos visíveis e palpáveis de "o que e como fazer"
3. Insistência no "aprender fazendo e fazer enquanto se aprende", mudando a realidade um passo a cada vez
4. Otimização dos processos de comunicação e interação entre as diferentes ações e iniciativas práticas que já existem e que surgirão
5. Insistência na prática de mecanismos de democracia direta e autogestão das redes, coletivos e movimentos participantes
6. Confederação, interdependência e apoio mútuo entre as comunidades e grupos acima citados
7. Constante estudo e reavaliação de cada passo tomado, com o objetivo de identificar equívocos, buscando aprimorar as experiências práticas, disseminando aquilo que se tem aprendido de forma transparente, completa e universal

O Anarquismo foi, é e continua sendo continuamente a si mesmo como "apenas um começo": desde seu princípio, a aspiração central do Anarquismo foi desenraizar e erradicar todas as relações sociais hierárquicas e coercitivas, e estabelecer relações consensuais e igualitárias em todas as instâncias.

Para construir uma série de éticas reconstrutivas, os anarquistas se inspiraram tanto no que estava sendo perdido (de pequenas comunidades agrárias aos espaços comuns) até com o que estava sendo ganho (de tecnologias

potencialmente liberatórias a estruturas politicamente mais democráticas).

O que mais chama atenção no Anarquismo é, no entanto, a sua práxis. Naqueles momentos em que podemos realmente exercer relações horizontais e ampliar o horizonte de liberdade melhorando a qualidade de vida de todos no presente, no aqui e no agora.

Formas hierárquicas de organização social nunca conseguem atender as necessidades ou desejos da maior parte das pessoas, mas vez ou outra, formas não-hierárquicas demonstram sua capacidade de chegar perto deste objetivo.

A ética anarquista vai precisar continuamente se ajustar às condições históricas particulares se desejarem permanecer relevantes e vibrantes. De qualquer forma, desde o princípio, o Anarquismo se embasou em uma série de valores compartilhados e interconectados, como liberdade, solidariedade, associação voluntária, federação, educação, espontaneidade, harmonia e apoio mútuo. Os princípios anarquistas afirmam o potencial da humanidade em alcançar os desejos e necessidades de todos, através de formas cooperativas não hierárquicas e arranjos coletivos.

Faz parte do processo de tornar cada cidadão um "ser social articulado", que "luta" com outros por uma sociedade de, para e por cada um/todos.

Por isso mantemos a proposta de plantação e disseminação de "Oficinas de Criação de Autonomia", espaços físicos e imaginários capazes de dar ao ser humano essa percepção de que ele pode exercer sua singularidade e liberdade,

sempre atento à interdependência entre todos os seres e coisas, mantendo uma ética de respeito e responsabilidade para com o que lhe é alheio e diverso.

A base da nova sociedade se dá a partir da auto-organização, da autonomia, da autogestão e do autogoverno. A auto-organização é o impulso criativo que permite a unidade dentro da diversidade. Atingir isso é mais difícil do que falar. Assim como o balanço entre o “si mesmo” e a sociedade, os anarquistas também precisam misturar unidade e diversidade em direção a um feliz equilíbrio.

Independente da vertente ou visão que é representada dentro do Anarquismo, o Estado sempre é visto como artificial, alienante, coercitivo e representando os interesses de poucos e poderosos às expensas de muitos. Para se manter, ele conta com o monopólio da violência.

Historicamente, foram anarquistas que criaram os primeiros escritórios de coworking (as labor halls), sistemas de moedas locais, sociedades de apoio mútuo, organizações federadas, todas para mostrar a viabilidade da experiência social anarquista.

Um dos mais belos exemplos em larga escala, de um experimento autogerido coletivista aconteceu na Espanha, durante a Revolução de 30. Para um detalhamento acerca do que aconteceu na Espanha durante a Revolução Civil de 1936, leia o livro "A tragédia da Espanha", de Rudolf Rocker, entre outras referências instigantes.

Movendo-se em frente

"O objetivo do Anarquismo é estimular forças que levem a sociedade em uma direção libertária"

Sam Dolgoff, A relevância do Anarquismo para uma sociedade moderna, 1970

Durante o período comunista e fascista, as forças históricas levaram a sociedade a uma direção mortífera. O Anarquismo não desapareceu neste tempo, mas suas fileiras foram dizimadas. Figuras-chave foram mortas, como Gustav Landauer (1919) e Erich Mühsam (1934), Ricardo Flores Magón (1922) e Alexander Berkman (1936).

Os anarquistas estavam cada vez mais isolados, e seu último encontro foi durante o funeral de Kropotkin, em 1921. Milhares de anarquistas pelo mundo foram encarcerados, exilados ou assassinados. Como consequência, foi como se a esquerda anti-autoritária tivesse pulado uma ou duas gerações.

Nesse ínterim: fascismo, bolchevismo e maoísmo; EUA desponta como uma superpotência global; nascimento das instituições financeiras multinacionais com o "avanço" do capitalismo; a guerra fria e a ameaça nuclear... Estes e outros fenômenos emergentes dramaticamente expandiram as fontes de dominação que qualquer plataforma libertária necessitava abordar.

A partir dos anos 60, o Anarquismo começou a se redesenhar para o século XX, obtendo seus insights de outros movimentos afins, como os movimentos radicais de liberação feminina e gay, os Autonomen na Alemanha e os

Zapatistas no México. Inspirou, de forma mais ou menos explícita, desde o provos de Amsterdan a novas formas de ecologia radical como o Movimento Antinuclear e o Earth First até a Revolta das Tarifas britânica.

No final do século XX, a Batalha de Seattle em 1999 foi, para o Anarquismo, apenas mais uma manifestação de uma cadeia de reinvenções de sua própria tradição. O que Seattle efetivamente fez foi colocar no foco esse Anarquismo revigorado, seja através de imagens de "black blocs" anarquistas jogando tijolos através de janelas da Starbucks ou explicações sobre como grupos de afinidade e o modelo de "spokescouncil" (conselho de portavozes) funcionavam na prática. Mais importante: deu visibilidade e voz ao Anarquismo em geral, ajudando a recapitular a imaginação política, juntamente com uma série de outros "movimentos vindos de baixo" ao redor do mundo.

Entretanto o Anarquismo não está imune à crescente fragmentação e imediatismo que caracterizam a sociedade capitalista contemporânea. Ele também é atingido pelo fenômeno que critica. Mesmo os anarquistas defendendo uma comunidade de comunidades, eles são, como a maior parte das pessoas hoje, alienados de qualquer senso de lugar e uns dos outros. Entretanto, permanece um profundo senso de reconhecimento entre anarquistas, baseado no compartilhamento de uma série de valores distintivos, que por sua vez estruturam suas vidas e projetos.

Filosofia da liberdade

"Possibilidade não é um luxo, é tão crucial como pão"

Judith Butler, "Undoing Gender", 2004

Uma instância revolucionária

O Anarquismo é plenamente radical no verdadeiro senso da palavra: chegar até a raiz ou origem dos fenômenos, e daí realizar mudanças dramáticas nas condições existentes, sempre que necessário. O Anarquismo aspira fundamentalmente transformar a sociedade em direção a noções expansivas de liberdade individual e social. Muitas vezes, na prática, isso significa engajar-se em várias "reformas" ou melhoramentos, mas naqueles que ao mesmo tempo tentam explicitamente articular uma política revolucionária.

Essa "reforma-apontando-para-a-revolução" é certamente difícil de manejar, já que o capitalismo se organiza de forma a recuperar tudo que aparece à sua frente.

Apesar das dificuldades, os anarquistas nunca defendem uma atitude puramente reformista. Eles dão o seu melhor para nunca participar da reforma como um fim em si mesma, ou trazer melhoramentos que também tornem a ordem social atual parecer mais atrativa. Eles simultaneamente direcionam seus esforços organizativos a "restringir as atividades do Estado e bloquear sua influência em todos departamentos da vida social sempre que vejam uma oportunidade".

Capitalismo e Estado possuem uma lógica interna separada mas frequentemente interrelacionada que consolida

monopólio para poucos, sempre às custas de muitos. Isso demanda que cada sistema precisa continuamente expandir e marcar seu domínio. Para sobreviver, eles devem fazer parecer normal que a maioria das pessoas estejam materialmente empobrecidas e desempoderadas como atores econômicos e socialmente empobrecidas e desempoderadas como atores políticos.

O mundo que a maior parte da humanidade produz é, como resultado, negado à vasta maioria, e uma quantidade relativamente pequena consegue tomar decisões sobre todos aspectos da vida. Mover além do capitalismo e dos estados significa nada menos do que virar o mundo de cabeça para baixo, quebrando todos os monopólios e reconstituindo tudo em comum - de instituições à ética da vida cotidiana.

Assim, por exemplo, enquanto muitos dos movimentos de justiça climática e global focam nas corporações como a chave, os anarquistas veem, estas entidades apenas como peças do capitalismo, e uma peça que, se removida, não destruiria o capitalismo, por pior que sejam estas corporações. Pode existir capitalismo sem corporações. A essência do capitalismo - garantir que a sociedade seja forjada ao redor de relações sociais compulsórias ao longo de inequidades de poder e condições materiais - permaneceria em seu lugar. E, devido à lógica "crescer ou morrer" do capitalismo, o capitalismo de pequena escala por definição se desenvolveria em larga escala novamente.

O capitalismo localizado, como nossas estruturas informacionais e em rede capitalista indicam, pode ser uma forma de esconder uma crescente concentração de controle social e injustiça. O capitalismo em si, em sua totalidade, e

justamente pelo fato de buscar a totalidade, é o problema essencial.

As estruturas econômicas e valores do capitalismo passíveis de ataque, e que o marcam como um sistema são: corporações, bancos, propriedade privada, lucro, patrões, trabalho assalariado, alienação e mercantilização, para citar algumas.

O capitalismo, por sinal, com frequência produz excessos em coisas como comida e habitação. Mas a não ser que este excesso possa ser trocado, ele é jogado fora ou permanecerá vazio. Enquanto isso, muitas pessoas estão famintas ou dormindo nas ruas. Tornar este excesso disponível para uso e não para troca - reclamando como algo **comum** - revela a habilidade das pessoas em se auto-organizar para alcançar suas necessidades. Também mostra que ser completamente humano envolve compartilhar o excedente livremente e tomar cuidado de todos, não apenas daqueles que conseguem se alimentar ou se alojar por si próprios.

"Tudo para todos e o que mais houver, grátis"

"Ocupe tudo"

"Use ou perca" - "Direito à propriedade ou direito ao uso?"

Usufruto: Nossa capacidade de usar e aproveitar a moradia como um bem social, em contraposição ao valor de troca do capitalismo.

Sobre o Estado, não é uma questão de tentar tornar o Estado mais bondoso, mais multicultural, mais benigno, ou seguir ao pé da letra sua própria lei. A própria lógica do

Estado assegura que poucas pessoas serão mais aptas do que todos a determinar "a vida, a liberdade e a busca da felicidade".

Não é apenas o fato de que o Estado tem o monopólio da violência, mas também como ele compele o povo a abrir mão de seu poder - com armas, urnas ou pacificação através de uma participação já circunscrita - ele sempre está engajado em uma variedade de formas de controle e engenharia sociais.

A maquinaria estatal, em essência, é sobre um pequeno corpo de pessoas legislando, administrando e criando políticas sociais. Em seu modo de atuar, ele também sustenta outros tipos de dominação como o racismo institucionalizado, a heteronormatividade.

Cada vez mais, o "Estado" está fazendo isso como parte de uma estrutura em rede de estados colaborando em blocos ou em instituições globais. Assim, menos e menos pessoas têm chance de determinar políticas que vão desde estados de guerra, a saúde da sociedade e a imigração. Mesmo a noção de democracia representativa neste regime global é quase anacrônica, dadas as camadas de governança não representativa que agora trabalham lado a lado com ONGs e corpos financeiros multinacionais igualmente não democráticos.

O ponto aqui é que os anarquistas concordam com a necessidade de um mundo sem capital e estados, precisamente de forma a permitir que todos façam o melhor de suas vidas, liberdades e felicidade - de ser capaz de continuamente definir bem como tomar parte na qualidade destas categorias.

Os anarquistas acreditam que juntas, as pessoas provavelmente visionam, deliberam sobre e vivem sobre uma organização social mais criativa, multidimensional.

Aqui, mais uma vez, os anarquistas oferecem uma prática revolucionária que envolve tanto condições atuais e aponta além delas. Um projeto que envolve providenciar alimentos excedentes para aqueles com fome também pode incluir uma assembléia de democracia direta, na qual todos envolvidos comecem a tomar decisões coletivas. Quando um lote vazio é colocado à venda pela maior oferta para um empreendimento de luxo, os anarquistas realizam uma chamada para que ele seja transformado em um parque, então se juntam com os vizinhos, não apenas para embelezar o espaço mas também para experimentar o poder político em reclamá-lo.

Mesmo no contexto de uma demonstração de massa orientada para a reforma, os anarquistas infundem sua perspectiva revolucionária - por exemplo, coordenando um dia de ação global não via uma organização central mas usando uma confederação de grupos e movimentos autônomos.

Os anarquistas mantêm que o Estado e o Capitalismo devem desaparecer pois ambos mantêm poder sobre a maioria do mundo humano e não humano. Em seu coração, a filosofia política é sobre poder: quem o detém, o que faz com ele, e em direção a que fins. O Anarquismo, mais claramente do que qualquer outra filosofia política, responde que o poder deve ser feito horizontal, deve ser mantido em comum.

Hierarquia e Dominação em Geral

Essa concentração em arranjos de poder de baixo para cima levou o Anarquismo a se opor não somente ao Capitalismo e ao Estado mas também à hierarquia e dominação em geral. Nada mais natural, neste contexto, opor-se a outras instituições na qual a dominação e a hierarquia são a tônica, como o Exército, a Igreja e a Escola, por exemplo.

O Anarquismo, diferentemente do Marxismo, tira o foco dos problemas como supraestruturalmente sendo de ordem econômica, para passar a uma ordem anterior ao surgimento do Capitalismo e do Estado, buscando as raízes do **surgimento da dominação**, empurrando o Anarquismo a um libertarianismo horizontal mais abrangente ainda. Em seu livro *A Ecologia da Liberdade (The Ecology of Freedom, 1982)*, Murray Bookchin explora a emergência da hierarquia pelos milênios e sua intrincada relação com o legado da liberdade, repensando a forma de ser do Anarquismo e refletindo sobre todo tipo de experimentações, projetos e relacionamentos não hierárquicos, anarquistas ou não, da contracultura, da Nova Esquerda, dos movimentos autonomistas dos anos 60 em diante, todos eles ajudando a transformar o entendimento do Anarquismo acerca dele mesmo.

Essa mudança moderna de perspectiva significa que, mais do que nunca, o Anarquismo está interrogando a si mesmo e a todos acerca de quais formas nas quais a hierarquia e a dominação se manifestam ou desenvolvem, sob novos contextos históricos. Isso se traduziu em uma percepção profunda e sincera de que, mesmo que o capitalismo e o estado fossem abolidos, muitas formas de hierarquias ainda

poderiam existir; e que ao longo do capitalismo e do estado, muitos outros fenômenos causam grave sofrimento.

E aqui aparece a importância das instâncias revolucionárias anarquistas no contexto histórico atual: enquanto os anarquistas defendem a abolição do trabalho assalariado, o contexto capitalista atual acaba por produzir isso à medida em que postos humanos são substituídos por máquinas; o que resta, entretanto, é que o bem-estar e a riqueza advindos da substituição humana por uma máquina acaba sendo centralizado nas mãos de poucos, ao invés de distribuído por muitos. As mesmas tecnologias desenvolvidas para realizar controle de estoques no mercado capitalista, podem ser subvertidas, modificadas e produzir sistemas de compartilhamento não alienantes de bens, serviços e tempo. Perceber esses diferentes lados na interação entre o Capital e o Comum-Livre é um dos papéis mais importantes do Anarquismo. E ainda vamos além.

Existem possibilidades no presente, fissuras na dominação que apontam em direção à liberdade. A crescente incapacidade do Estado em proteger seus cidadãos de praticamente tudo - desde doença até violência - mina a própria justificativa da sua existência, enquanto também cria uma abertura para inovações federadas de base acerca de como garantir plenitude material e comunidades mais sadias e seguras sem o Estado. E, mais profundamente ainda: à medida que os anarquistas testam suas ideias, novas formas de liberdade descobrem camadas ainda mais escondidas de dominação.

A hierarquia e a dominação sempre servem para evitar um mundo consensual e igualitário. Os anarquistas lutam para

desmantelar formas de relações e organizações sociais que permitam a algumas pessoas exercer dominância sobre outras pessoas ou coisas. Eles contrastam o uso do poder para ganhar algo de outros, quer seja dinheiro, status ou privilégios, com o uso do poder para coletivamente alcançar desenvolvimento individual e social, respeito mútuo e o alcance das necessidades e desejos de todos.

O Anarquismo se posiciona dizendo que toda instância de poder vertical ou centralizado deve ser reconstruída para permitir um poder coletivo horizontal e descentralizado.

A Vida como um Todo

Implementar o Anarquismo como um projeto vivo se torna indissociável do Todo da Vida. Significa uma jornada em contínuo evoluir, com melhores (e piores) aproximações da liberdade aparecendo em vários tempos e lugares, apenas para aparentemente quase desaparecer e significativamente aumentar novamente. Contudo, a cada aproximação, a própria ideia de liberdade se expande com a noção do que é ser humano. Reminiscências da liberdade permanecem, em fatos ou na memória. Vestígios dos experimentos persistem. As pessoas se transformam e passam seu senso de potencialidade para outros. É um momento de euforia quando, pela primeira vez, nos damos conta e arrancamos do nosso senso comum a percepção de que o racismo ou os estados são normais e necessários. A movimentação em direção a estados da mente, relações e instituições incrementalmente não-hierárquicos, abre um mundo inteiro de possibilidades - pelo menos como um começo, dentro de uma pessoa. O primeiro ato pode ser um pensamento crítico, um relacionamento menos estranho consigo mesmo e com os

outros, ou a reapropriação da imaginação como um passo adiante em direção a uma sociedade não alienada.

Outra sensibilidade compartilhada entre anarquistas é sua tentativa de "escrutinar" e alterar a totalidade da vida. O Anarquismo não se concentra somente nas esferas políticas, culturais, psicológicas ou outras. Nem separa uma questão singular de suas relações com outras questões, mesmo que cada um pessoalmente coloque ênfase em uma área em particular. Ele se preocupa com tudo que faz as pessoas humanas, incluindo o mundo não humano. O trabalho do Anarquismo acontece em todos os lugares, todos os dias, de dentro do corpo político até o corpo em si mesmo.

A esperança anarquista em transformar a vida se traduz em uma abordagem compartilhada, holística para viver a vida. Abraçar o Anarquismo é um processo de reavaliar cada asserção, cada certeza, tudo o que alguém pensa ou atua sobre e, com certeza, quem cada um é e então, basicamente, virar a vida desta pessoa de cabeça para baixo.

Acabar com relações coercitivas é uma jornada de refazer a si mesmo, como parte de um projeto de refazer o mundo. Mas se tornar um anarquista é também um processo - sem fim - de aplicar um compasso ético ao todo o que cada um (e todo mundo) é e pode ser individual e socialmente.

Os anarquistas não são necessariamente melhores ou piores do que qualquer outra pessoa. Eles são tão danificados quanto qualquer um pela teia intrincada de hierarquias, ódio, e relações mercantilizadas que malformam a todos. Dentro dos círculos anarquistas,

entretanto, várias tentativas pelo menos são feitas para se tornar aberto e auto-reflexivo acerca deste dano e, a partir daí, desenvolver formas humanas de abordá-lo e remediá-lo. O Anarquismo busca trabalhar pesado para reformar a cada um bem como à sociedade.

Os anarquistas questionam a totalidade da vida, constantemente perguntando: "Qual é a coisa certa a fazer?". Eles lutam para aplicar as respostas a tudo, desde necessidades básicas até desejos complexos, de instâncias de opressão até a desigualdades institucionais. Eles não vivem vidas puras e éticas. Ao invés, a distância entre o que os anarquistas imaginam ser totalmente ético e a série de más escolhas que todos fazemos sob as atuais condições ilustra que as relações sociais hierárquicas irão para sempre bloquear nossa possibilidade de ser livres.

A ênfase anarquista na totalidade da vida lembra que a ordem social vigente já enquadra o mundo para todos dentro de pequeníssimas interações: "escolha", por si só, já é algo determinado dentro de certos parâmetros permissíveis. Os anarquistas criticam esta estrutura e constroem uma outra, ética, em seu lugar, ao contrário de promover uma avaliação moralista sobre se cada indivíduo é 100% ético agora - ou mesmo se está perto ou não. Os anarquistas não vivem vidas consistentemente éticas, mas seu esforço para fazê-lo é uma forma de desvelar as possibilidades de se mover para longe desse presente não ético.

Ao mesmo tempo, ser um anarquista não é sacrificar a si mesmo em nome da "revolução". Tentando transformar a totalidade da vida aproximando-se de uma série de valores, os anarquistas tanto revelam as contradições sociais e

testam novas relações sociais. Eles também começam a experimentar como a vida por si própria poderia ser qualitativamente diferente nas mais variadas formas: para cada um e entre outros que estão fazendo o mesmo. Dessa maneira, os anarquistas compartilham um senso de vida mais autodeterminado, vidas articuladas nas fronteiras pessoais e sociais, e ajudam a gradativamente aproximar "o que é" do "que poderia ser". E isso não é tarefa pequena. A universalmente sentida alienação de uma totalidade da vida neste momento histórico em particular - existir em meio a uma forma de capitalismo globalizado - pode fazer parecer que a totalidade da vida está "fechada para a transformação".

...

O Capitalismo apresenta possibilidades brilhantes para o futuro (nós podemos alimentar o mundo! sua próxima compra vai fazê-lo feliz por muito tempo! esta rede social vai reduzir sua solidão!), mas nunca as preenche, então as pessoas precisam seguir atrás da próxima brilhante possibilidade. O último iPhone que atende a todas suas necessidades é, agora, uma casca inadequada, substituída pela próxima resposta a todos seus desejos. Independentemente de alguém ter "tudo" ou "nada", a "vida" no capitalismo é um vazio.

Os experimentos anarquistas expõe as rachaduras neste edifício. Elas permitem às pessoas experimentar pessoalmente o que poderia ser a vida se ela fosse feita por elas mesmas. Essa retomada qualitativa do dia a dia revela os cálculos quantitativos atordoantes que as pessoas são compelidas a fazer no capitalismo. Expandir o qualitativo pode ser uma chave para a superação do capitalismo, já

que não adianta o quanto o capitalismo tenta recuperar acerca de tudo o que faz as pessoas humanas, sua aparência quantitativa sempre parecerá estéril quando contrastada com um senso do que parece significar estar verdadeiramente vivo.

Essa é uma mudança sutil, é claro, especialmente sob condições limitantes e opressivas, mas é como as pessoas geralmente descrevem seu primeiro encontro com o Anarquismo na prática. Pode ser a exuberância de formar um grupo de estudos para resgatar a educação ou a experiência visceral de poder durante um protesto com um grupo de afinidade. Pode ser o orgulho de tornar comum as capacidades e recursos para estabelecer um novo centro social. Ou talvez a graça de estabelecer maneiras coletivas de atender às necessidades materiais. Fazer nós mesmos juntos, não para acumular fortunas ou acumular poder, mas para cunhar novas e ricas relações de compartilhamento e gentileza, sempre priorizar qualidade acima da quantidade, demarcando novos termos baseados em como cada um gostaria de ver tudo feito, cooperativamente e através de meios democraticamente diretos, voluntaria e solidariamente. É sobre mover-se para longe de uma visão de mundo instrumental para uma baseada no valor intrínseco de cada pessoa.

Essa dimensão qualitativa dentro do Anarquismo não é somente uma sensação, ajudando as pessoas a sobrepujar o peso da alienação sob o Capitalismo. Muitos projetos anarquistas são também modelos de como alcançar as necessidades diárias de forma a, em última instância, superar a deprivação material que o capitalismo impõe à maioria da humanidade. Ambos são elementos vitais da transformação revolucionária. O Capitalismo indicou que os

seres humanos podem alcançar uma sociedade pós-escassez - um mundo no qual cada um tem o suficiente do que precisa para sustentar a vida. Mas a despeito de supermercados, confeitarias e lixões transbordando de comida, bilhões de pessoas passam fome; a despeito de tecnologias para reduzir o trabalho humano, a maior parte das pessoas trabalha mais por menos; a despeito de avanços nos cuidados de saúde, muitas morrem sem necessidade. Enquanto isso, o consumo foi transformado em um barômetro do valor de cada um, uma busca sem fim pela felicidade a partir de escolhas mercantilizadas. E sempre há a premissa de o que cada um tem para trocar por esta abundância, ou então ela o estará negada.

Os projetos anarquistas, em contraste, buscam re-orientar o todo da produção. Como oposição direta ao capitalismo, eles buscam desenvolver formas auto-geridas de produção que permitam às pessoas ver elas mesmas naquilo que fazem e reconhecer outros naquilo que produzem. Elas transformam noções de produção e trabalho conjuntamente, de forma que as pessoas possam fazer coisas de acordo com suas inclinações pessoais, e assim o "trabalho" se torna uma forma prazerosa de preencher coletivamente as bases materiais da vida. Eles objetivam garantir plenitude também, baseado na crença de que todos merecem sustentabilidade material apenas em virtude de serem humanos. Os projetos anarquistas também tentam reorientar o consumo. Eles se constroem sobre a ideia de que quando as pessoas se veem refletidas naquilo que criam, as "coisas" carregam um senso de "divindade" - o cuidado e a individualidade que vai em fazer coisas. Eles transformam noções de consumo conjuntamente, mudando o foco em direção ao uso e reuso, via compartilhamento, dádivas e trocas. Destas formas, o Anarquismo caminha em

direção a novos entendimentos sobre o que é felicidade, sem mencionar o "valor humano", fora da forma mercantilizada.

Os anarquistas desenham pequenos experimentos com grandes objetivos para permitir que as pessoas alcancem suas necessidades e desejos, sejam ecológicas, façam novas relações sociais, organizem espaços e organizações e tomem decisões conjuntamente - tudo em formas não hierárquicas. Um projeto chamado Food Not Bombs (Comida Não Bombas) iniciou em Cambridge, Massachussets, em 1980, e foi traduzido e adaptado a outros contextos pelo mundo. Ligado em nome e em sensibilidade, mas operando autonomamente em cada localidade, Food Not Bombs desafiava as relações das pessoas com a produção e o consumo de alimentos. A ideia é que as pessoas estabeleçam contra-instituições bem como estilos de vida que ganhem força - porque elas capturam os corações, as mentes e a participação de pessoas suficientes - para em última instância existir ou até mesmo finalmente vencer, em uma contestação vitoriosa, ao poder centralizado.

Esforços como Food Not Bombs (ou derivativas como Food Not Lawns (Comida Não Gramados), Homes Not Jails (Casas Não Celas), e Books Through Bars (Livros Através das Grades)), assim como muitos projetos anarquistas, muitas vezes operam largamente dentro de uma subcultura, que pode ser uma fase necessária para testar nossas ideias e desenvolver uma infraestrutur. Como qualquer alternativa, elas podem cair na cooptação ou simplesmente na confortável rotina. Como ninguém é dono destes projetos, anarquistas e outros podem brincar com e construir sobre eles. Se alguém contasse quantas pessoas

foram "servidas" pelos projetos e iniciativas anti-autoritárias - o número de pessoas cujas necessidades por comida ou habitação são atendidas de uma forma razoavelmente consistente - este número chegaria facilmente a casa dos milhões, globalmente. Aqui, aparece novamente a necessidade de linhas mais claras de interdependência e apoio mútuo entre as diversas iniciativas, movimentos e coletivos que estão na luta anti-hierárquica.

Uma das coisas mais importantes sobre caminhar em direção a um mundo melhor é entender como as pessoas o estão fazendo. As práticas anarquistas compartilham elementos distintivos, mesmo que implementados de formas diversas: as vidas e as comunidades que elas tentam estabelecer são baseadas na premissa de um compasso ético compartilhado. Essa é a chave, dado que a maior parte das forças sociais da atualidade negam e tentam destruir estas alternativas. Os esforços reconstrutivos para reestruturar a vida do cotidiano implicam no fato de que pessoas podem trabalhar para destruir relações mercantilizadas e coercitivas.

Um Compasso Ético

O Anarquismo serve como uma pedra fundamental não simplesmente para anarquistas mas especialmente para aqueles que encontram o desafio anarquista: "Qual é a coisa certa a fazer?". Os anarquistas clássicos a chamaram simplesmente de "a Ideia". O Anarquismo permanece como um farol através de sua história e suas práticas, e talvez mais especialmente através de seus ideais.

Outras filosofias políticas diferentes do Anarquismo

aceitam o *status quo* como dado, e então buscam entender o que é possível dentro de um panorama pré-determinado. Não quer dizer que outras filosofias políticas não tenham suas próprias orientações éticas, mas o Anarquismo mantém suas éticas na frente, como uma questão central antes de tudo o mais.

Os anarquistas também querem ser eficientes e efetivos. Mas para eles, a ética dá forma a como as pessoas pragmaticamente lutam pela mudança social. Por exemplo, antes de afirmar que não é factível incluir todos de uma ampla região nas decisões que afetam suas vidas, os anarquistas argumentarão que, pelo fato deste objetivo ser tanto desejável quanto ético, nós devemos descobrir como caminhar nesta direção e em última instância garanti-lo.

Os anarquistas não querem pular de uma sociedade baseada no estado para uma não estatista da noite para o dia; mas significa, isso sim que os anarquistas veem processos de tomada de decisão coletivos e inclusivos como parte integral e necessária de cada projeto. Quando anarquistas reúnem-se a seus vizinhos para salvar uma livraria local, eles sugerem uma assembleia geral como o "corpo organizativo", e oferecem suas habilidades para fazê-la funcionar. Eles irão se encontrar para determinar a melhor estrutura coletiva para seu novo "infoshop", mesmo que tome um pouco mais de tempo, ao mesmo tempo em que educam a si mesmos em direção a processos democráticos no micronível de forma a estender estas práticas ao todo da organização social.

Nunca é uma questão de ética versus pragmatismo: é uma questão de qual informa à outra. Humanos têm se demonstrado capazes de uma imaginação e inovação quase

ilimitada - qualidades que podem ser ditas definidoras dos seres humanos. As pessoas têm usado esta capacidade para fazer tanto um grande bem quanto um grande mal.

Faz sentido primeiro perguntar às pessoas o que elas querem fazer e porquê, de um ponto de vista ético, e então ir às perguntas pragmáticas sobre como fazer. O próprio processo de perguntar "o que é certo" é como as pessoas preenchem de ética a prática, para atender novas demandas e dilemas, novas condições e contextos sociais.

O Anarquismo, então, traz uma ética igualitária em nosso mundo, fazendo-o transparente, público e compartilhado. Ele mantém uma orientação ética, enquanto continuamente tenta colocar estas noções em prática, independente de quão falho o esforço possa ser. Quando outras pessoas entram em contato com este compasso ético, elas irão esperançosamente "tomá-lo para si" e incorporar os mesmos valores em suas vidas. Ele oferece direcionalidade para o envolvimento político e fortalece os esforços das pessoas para refazer a sociedade. Ele transforma sobreviver em prosperar. Esta é a diferença crucial entre um impulso pragmático versus um ético: as pessoas, em acertos cooperativos, qualitativamente transformam a vida uns dos outros.

É claro, existe uma enorme barreira psicológica para pular de uma situação a outra. Muitas pessoas, afinal de contas, estão lutando apenas para continuar vivendo. **O**

Anarquismo combina o projeto de tentar criar as condições materiais que libertem as pessoas de forma suficiente para fazer esta mudança. Sua orientação ética implica em um humanismo subjacente e esforços vívidos de humanidade. Ele tenta praticar a boa sociedade, com outros, dentro da casca da "não-tão-boia sociedade". **O objetivo do**

Anarquismo não é tornar todos anarquistas. É encorajar as pessoas a pensarem e agirem por elas mesmas, mas fazer isso a partir de um conjunto de valores emancipatórios.

Ética não é uma entidade fixa mas ao invés disso um questionamento contínuo do que significa ser uma boa pessoa em uma boa sociedade. Ela se desenha a partir da tríade clássica das aspirações filosóficas: o bom, o verdadeiro e o belo. Estes são os pontos de partida para as questões do Anarquismo bem como seu modelamento das respostas. Em um mundo que parece - que é - crescentemente errado, o compasso ético do Anarquismo atua como um antídoto. Isso sozinho já é uma contribuição enorme.

O Conteúdo Ético

Vamos apreciar a seguir os parâmetros, em breves pinceladas, desta ética anarquista comunal. Isso não significa mostrar a pintura completa, já que uma ética da liberdade deve ser construída e expandir com o tempo. Mas podemos tocar em algumas das aspirações mais proeminentes que unem os anarquistas.

Liberação e Liberdade

O Anarquismo promove uma noção dual de liberdade. Ele afirma a ideia de liberação, ou o que pode ser chamado de liberdade negativa: "estar livre de". Mas está igualmente preocupado com o que pode ser chamado de liberdade positiva: "liberdade para". Não é suficiente para as pessoas serem livres, por exemplo, do estado dizer a elas o que

podem fazer com o seu corpo - como se elas podem fazer aborto ou não. Elas também precisam ser livres para fazerem coisas com o seu corpo - expressar várias sexualidades e gêneros, o que vai bastante além do que qualquer estado pode garantir ou tirar.

Se entendermos este senso de liberdade negativa e positiva, o que parece uma instância contraditória dentro do Anarquismo passa a fazer perfeito sentido. Um anarquista pode firmemente acreditar que o povo Palestino merece ser liberado da ocupação, mesmo que isso signifique que eles criem seu próprio estado. O mesmo anarquista poderá firmemente acreditar que um estado Palestino, assim como todos estados, deve sofrer oposição em favor de instituições não estatistas. Um senso completo de liberdade sempre incluirá tanto os sentidos negativos e positivos - neste caso a liberação da ocupação e simultaneamente a liberdade para se autodeterminar. De outro modo, como tanto os regimes Comunistas e liberais têm demonstrado, "estar livre de" tão somente apenas servirá para escravizar a potencialidade humana e, nos casos mais extremos, os próprios humanos; auto-governo é negado em favor de alguns governando outros. E "liberdade para" sozinha, como o capitalismo tem mostrado, servirá apenas para promover um individualismo egoísta e colocar cada um contra o outro; a autodeterminação atropela as noções de bem coletivo.

Constantemente trabalhar para trazer tanto a liberação quanto a liberdade à mesa, nos momentos de resistência e reconstrução, faz parte do mesmo ato de aproximar um mundo crescentemente diferenciado mas ainda harmonioso.

A Igualdade dos Desiguais

As pessoas não são iguais, e isso é algo bom. Comunidades, geográfica e socialmente, também são diferentes umas das outras. Eis porque os humanos precisam ser livres para descobrir o que faz mais sentido para cada pessoa em cada situação. O Anarquismo acredita na habilidade de cada um em tomar parte do processo de pensar e agir sobre, de formas compassivas, o mundo em que habitamos. Ele mantém que todos merecem dar forma e compartilhar a sociedade - um princípio subjacente a toda ordem não-hierárquica. Mas não significa que todas as pessoas têm necessidades e desejos iguais, tampouco que estes sejam estáveis. As pessoas querem coisas diferentes através de suas vidas, bem como as comunidades têm demandas diferentes ao longo do tempo.

A ética anarquista da igualdade dos desiguais esmaga a noção desumanizante do capitalismo que todas as coisas, incluindo cada pessoa, é substituível - igual a uma coisa, e assim sem valor inerente - substituindo-a com o conceito re-humanizante do valor de cada indivíduo. Ela dá sentido qualitativo à justiça. Nas democracias representativas, a justiça é cega à singularidade de cada pessoa e à especificidade de cada circunstância. As particularidades dificilmente são medidas, e a "justiça" é medida de formas largamente injustas. No Anarquismo, ser justo significa estar atento às diferenças entre as pessoas e suas situações, o que por sua vez torna ao menos possível negociar relações pessoais e sociais, incluindo conflitos, de formas que são substantivamente justas. Todos e todas coisas têm valor igual e devem igualmente ser dadas

condições de forma a se desenvolver completamente. Quais são estas condições, entretanto, pode diferir em quantidade e qualidade, baseado nas diferenças nas necessidades e desejos. Por exemplo: um cuidado de saúde ético não será uma lista básica de serviços, como se os corpos das pessoas fossem todos iguais. Nem será distribuído em porções exatamente iguais. Ela será, pelo contrário, ajustada de acordo com as necessidades de bem-estar individuais como um bem social sempre disponível, de forma tão abundante quanto possível.

A Cada, de Cada

Além da crença fundamental no valor de cada pessoa, uma ética igualitária anarquista também segue a noção comunista de "de cada um de acordo com suas habilidades, a cada um de acordo com suas necessidades". Mas o Anarquismo lhe dá um ajuste crucial: "*de cada um de acordo com suas habilidades e paixões, a cada um de acordo com seus desejos e necessidades*". Com esta visão, as pessoas contribuem de várias formas entre si e para suas comunidades e não simplesmente de uma forma econômica. Essa ética ajuda a colocar "a economia" dentro da totalidade da vida, e não o contrário, como vemos hoje. Nunca mais as contribuições serão desigualmente recompensadas por salários ou *status*, ou tornadas invisíveis quando elas não se encaixam na matriz econômica. A pletora das contribuições humanas será baseada no que as pessoas são boas em fazer, o que elas gostam e também o que elas coletivamente determinarem como desejável bem como necessário. As necessidades de uma pessoa (luvas de lã, maçãs ou livros) podem ser o desejo de outra pessoa. Em uma boa sociedade, as pessoas poderão satisfazer tanto quanto possível de ambos.

Todas as contribuições têm valor social, desde construir casas a cuidar de bebês a atuar em uma peça de teatro. Cada um deveria ser apto a focar nas coisas que quer fazer. Mesmo que algumas pessoas não possam trabalhar em diferentes pontos da vida - por exemplo, como uma criança muito jovem ou quando doente, ou muito idoso - todos ainda receberiam o que necessitam e desejam. O trabalho em si mesmo teria um significado totalmente diferente, talvez até mesmo outro nome. A produção e a distribuição não iriam envolver compulsão ou adição, nem se tornar distintas de "tempo livre". Elas seriam partes íntimas do que traz prazer e substância à vida humana. As contribuições sociais assim, passariam além da noção limitada acerca daquilo que cada um é pago para fazer. Em seu lugar, a sensibilidade do "de cada, para cada" entende que cada um contribui para a sociedade mesmo que não esteja produzindo bens ou ofertando serviços. Ela garante que cada um é merecedor das bases materiais e não materiais para se desenvolver completamente.

Sem coerção ou escassez deliberadamente construída e mantida, as pessoas iriam fazer praticamente tudo que as comunidades precisassem ou quisessem, e as pessoas iriam escolher livremente aquilo que mais lhes dá prazer e gostam de fazer, como cultivar a terra, preparar comidas, escrever, pintar, apagar incêndios e desenvolver softwares... Aquilo que ninguém quiser fazer, como por exemplo, limpar um sistema de esgoto, seria dividido entre todos, ao menos entre todos aptos a fazê-lo. Assim, mesmo um médico, um advogado, um engenheiro ou um professor poderiam, uma vez ao ano, por exemplo, ficar responsáveis por este trabalho, para garantir o harmônico funcionamento da sociedade.

Essa ética também sustenta a ideia de que todos devem ser providos e cuidados, ou então, que as pessoas irão prover e cuidar umas das outras. Ela afirma que as comunidades humanas devem garantir que todos tenham o suficiente para se sustentar, como cuidados de saúde, e se enriquecer, como acesso a artes. Em caso de um acidente natural como um terremoto, por exemplo, as pessoas irão fazer seu máximo para distribuir os recursos limitados de forma a tomar cuidado de todos.

Uma biblioteca é um exemplo atual de como isso funcionaria: as pessoas veem as bibliotecas como algo necessário, útil e justo, todos podem usar a biblioteca, mais ou menos, conforme sua necessidade, e não sentem o senso de escassez. Tudo está gratuitamente disponível para todos. Elas podem usar a biblioteca gratuitamente ou, se desejarem, podem retribuir na forma de doações de tempo, serviços, livros ou dinheiro. Agora, imaginemos que tudo, desde energia até a educação funcionasse com esta ética do "de cada, para cada". Muitos dos melhores experimentos anarquistas da atualidade estão tentando colocar esta noção em prática, desde cooperativas de alimentos e bicicletas, a compartilhamento de habilidades e clínicas grátis.

Apoio Mútuo

Baseado na premissa de que os humanos e o mundo não-humano parecem evoluir melhor quando existe cooperação, mesmo reconhecendo a competição como parte inerente da vida, é quando os humanos trabalham juntos que eles realmente florescem!

O apoio mútuo necessita de relações complexas e

intrincadas bem como uma diferenciação harmoniosa para que existam trocas recíprocas verdadeiras. Quando as pessoas cooperam, são aptas a produzir mais, materialmente e de outras formas. Mesmo quando não produzem mais, o senso de benefício individual e grupal é amplificado. A competição simplifica. Quando humanos competem, apenas alguns ganham. Isso faz sentido quando falamos de jogos; no contexto da sociedade, onde todos deveriam "ganhar" um mundo melhor, a competição é amplamente deletéria. Isso é particularmente verdadeiro quando se torna naturalizado como o valor chave da economia, jogando todos contra todos. Os anarquistas praticam há muito tempo formas de mutualismo como a base de uma economia não capitalista, onde a cooperação liga todos com todos.

O apoio mútuo é uma das éticas anarquistas mais belas. Implica em um senso de generosidade sem amarras, no qual as pessoas suportam umas às outras bem como os projetos uns dos outros. Ele expressa um espírito de mão aberta, de abundância, no qual a gentileza nunca está em falta. Ele aponta para novas relações de compartilhamento e ajuda, orientação e retribuição, como a verdadeira base da organização social. O apoio mútuo torna a compaixão comunal, traduzindo-se em mais "segurança social" para todos, sem a necessidade de instituições de cima para baixo. É a solidariedade em ação, escrita em letras grandes, quer seja ao nível local ou global.

Quando sentida e vivida fora da sensibilidade diária, em combinação com outras éticas anarquistas, a cooperação cria relações sociais diferentes, que oferecem à humanidade as melhores chances de transformar os valores da sociedade hierárquica. Em uma sociedade

hierárquica, a caridade é uma forma de "dar" que não importa quão benevolente seja, acaba forjando relações paternalistas. Quem doa está em posição de autoridade; quem recebe sempre à sua mercê.

O apoio mútuo sugere relações recíprocas, independente de se o que é trocado é igual em tipo, forma ou quantidade. Humanos retribuem de várias formas - a desigualdade dos iguais. Indivíduos e sociedades florescem porque as diferentes contribuições não têm o mesmo valor mas combinam-se para criar um todo maior.

Orientação Ecológica

Humanos acreditam que podem dominar o mundo natural não humano porque, para eles, é natural dominar outros seres humanos. A ética do apoio mútuo, entretanto, afirma que humanos, outros animais e as plantas desenvolvem-se melhor sob formas de cooperação holística - ecossistemas. Ela sugere que as pessoas muito mais provavelmente viveriam em harmonia umas com as outras e com o mundo não humano em uma sociedade não hierárquica.

Além do ativismo ecológico revolucionário - desde sentar em árvores para evitar seu corte, passando pela eco-sabotagem e chegando às eco-tecnologias - uma orientação ecológica dentro do Anarquismo significa uma lógica evolutiva porém dialética: assim como a natureza não humana se desenvolve com o passar do tempo, com múltiplas possibilidades acerca do que virá a ser, assim os humanos evoluem com o passar da vida e das gerações.

Essa lógica, a de que os humanos não são seres fixos mas estão sempre "se tornando" - é subjacente ao dinamismo

anarquista. Ver toda forma de vida como apta a evoluir destaca a ideia de que as pessoas e a sociedade podem mudar. Que as pessoas e o mundo podem se tornar mais do que são, melhores do que são atualmente. É claro, não há garantia. O desenvolvimento não é necessariamente linear ou progressivo.

Associação Voluntária e Responsabilização

Os seres humanos distinguem-se (mas não podem ser colocados acima) de outras formas de vida pela sua capacidade de imaginar, inovar, de racionalizar, fazer julgamentos e intervir com intencionalidade. Assim, outra ética anarquista compartilhada destaca a capacidade humana de livre escolha, ou associação voluntária, em direção a várias formas de relações e organizações consensuais e não coercitivas. Associação voluntária não significa que os indivíduos sempre farão tudo do seu próprio jeito, tampouco que irão gostar de todas tarefas ou todas pessoas em um projeto. Elas podem até sentir-se cansadas no final do dia. Ainda assim, significa reunir-se com outros não pela força ou compulsão mas porque cada um assim escolheu, livremente.

Associação voluntária diz respeito a fazer coisas porque em geral nos sentimos satisfeitos em uma variedade de formas, porque realiza metas e necessidades pessoais e comunitárias, e porque as pessoas não são compelidas a se engajar se não quiserem fazê-lo.

A associação voluntária apenas se torna relevante quando ligada com formas de responsabilidade, confiabilidade e solidariedade. Associação voluntária e confiança são, em seu núcleo, pessoas fazendo promessas livres umas às

outras, sem nenhuma força externa compelindo-as a seguirem por ou além dos seus comprometermentos mútuos. As pessoas podem se associar e dissociar, e irão fazer isso várias vezes em suas vidas, Ainda, anarquistas tomam tanto a associação quando a dissociação muito a sério, pelo fato de tomarem processos inclusivos e como as pessoas tratam umas às outras muito seriamente.

Promessas mútuas necessitam de vários acordos, sejam não falados porém completamente compreendidos, ou escritos para serem revistos quando necessário. Tais acordos se aplicam em uma série de coisas, incluindo o que acontecerá quando alguém não cumprir o que foi acordado em suas tarefas e como lidar com o conflito. Os indivíduos não deixarão uns aos outros em situação desprotegida, uma vez que combinaram implementar uma decisão coletiva.

Como em todos atos harmonicamente pesados no Anarquismo, encontrar o balanço entre a livre associação e os acordos livremente constituídos é muito mais difícil na prática, especialmente além do nível dos pequenos grupos. Mas esse balanço é crucial. Ele vai direto ao centro da problemática do Anarquismo: como encorajar um mundo em que indivíduos e sociedade são simultaneamente livres. A organização política anarquista testa esta dupla noção, em parte, compondo princípios de unidade e posicionamentos de missões. Eles destacam porque estão se associando livremente. Eles também definem os parâmetros, se é que estes existem, para participação nos grupos. Isso pode variar desde simplesmente aparecer e entrar até ter que atender a um certo número de encontros antes de poder participar dos processos de tomada de decisão.

É assim que os anarquistas praticam o que pode ser considerado a constituição de uma "associação voluntária" e confiança mútua em um nível societal. É claro, uma ética da associação voluntária não pode ser universalmente aplicada. Associações livres para perpetrar violência contra gays e simpatizantes, por exemplo, são completamente contra outras éticas anarquistas. O ato de harmonização não é somente entre associação voluntária e confiança. Não está em jogo uma sensibilidade do tipo "tudo vale" com a ideia de que estamos todos juntos nisso. Diz respeito à totalidade das aspirações anarquistas.

Prazer e Espontaneidade

Associação voluntária e confiança não são obrigações *sine qua nom* para fazer as coisas. Para o Anarquismo, parte do projeto revolucionário é instituir a beleza e caminhar em direção à uma felicidade substancial, bem como encorajar a espontaneidade necessária para realizar ambos. Prazer e amor motivam as pessoas a aspirar a um mundo melhor. Estes e outros sentimentos não são luxos separados das necessidades materiais das pessoas. Eles são parte das necessidades para uma vida plena, singular e genuinamente social. Nós precisamos de comida **suficiente** para comer e precisamos de comida **que gostamos** de comer. Nós precisamos de formas prazerosas de cultivar a comida e cozinhar uns para os outros e, se necessário, descobrir mecanismos justos e compartilhados para limpar os pratos, quando eles começam a empilhar. Existe divertimento no processo, também. Ou haveria divertimento, se os processos que rotineiramente moldam o mundo pertencessem a todos.

Pode parecer ingênuo lutar por uma transformação social

revolucionária para que as pessoas possam encontrar alegria em suas vidas, para que possam criar e tirar satisfação em tudo que é bonito e amoroso. Mas essa é a essência de uma boa sociedade: que pessoas sejam capazes de sentir bondade nelas mesmas e nos outros tanto quanto possível; que mesmo que as coisas estejam difíceis ou a vida dolorosa, que as pessoas suportem umas às outras; que as formas pelas quais realizamos as coisas sejam também as formas que esculpimos espaços para em sua totalidade vermos e apreciarmos uns aos outros. E nos divertirmos.

Como todas éticas anarquistas, esta não é uma que se desvela "até que a revolução" chegue, permitindo à maioria da humanidade viver miseravelmente ou zanzar na depressão. Significa trazer prazer e diversão, bondade e compaixão, em tudo que as pessoas fazem. Não significa fingir que tudo está ok. Mesmo em uma sociedade melhor, as pessoas continuarão a sentir tristeza. Os anarquistas vigilantemente resistem ao mundo que aí está, enquanto simultaneamente se engajam naqueles comportamentos esperançosos que apontam em direção a novas relações sociais. Eles praticam a beleza que os seres humanos estão buscando atingir no mundo que "poderá ser". As atividades anarquistas enfatizam a estética e o divertimento. Protestos contemporâneos combinam festas de rua e bonecos com ação direta; potlucks são partes regulares de muitos encontros anarquistas; pôsteres maravilhosos geralmente anunciam feiras do livro anarquistas, que com frequência incluem jogos de futebol ao longo de oficinas. Um jogo prazeroso é tão parte do impulso revolucionário dentro do Anarquismo quanto é a luta - e ambos são essenciais para a liberdade com qualidade.

Unidade na Diversidade

Outra ética anarquista é o comprometimento em harmonizar o aparentemente incompatível. Anarquistas tentam encontrar harmonia na dissonância, como instrumentos em uma orquestra. Eles fazem isso em todos os contextos; é o conteúdo da vida real, ou como notado acima, o reconhecimento de que as coisas se desdobram de formas complexas e interconectadas. Quer sejam as contradições entre o local e o global, a independência e a interdependência, autonomia ou democracia direta, os anarquistas lutam honesta e transparentemente para encontrar unidades que não neguem as diferenças. A maior parte do que os anarquistas fazem na prática envolve criar relações, processos e acordos, pessoalmente e dentro de instituições auto-organizadas, que são precisamente sobre encontrar o balanço de uma unidade na diversidade.

Um exemplo proeminente é a "diversidade de táticas" de abordagem em mobilizações de massa, desenvolvidas pelos anarquistas no Canadá durante os dias de ação global do movimento anticapitalista na virada deste século. A noção era determinar uma série de acordos para uma demonstração específica - baseada neste contexto - que permitiria diferentes táticas, estratégias e mesmo zonas geográficas específicas de engajamento, todas dentro da bandeira compartilhada de uma oposição ao capitalismo e defesa de formas não estatistas, diretamente democráticas de organização. Isso não significava que "tudo vale", nem significava "consenso". Aqueles que viviam na cidade e tinham feito meses de trabalhos de organização antes da mobilização assentaram-se em acordos de diversidade de táticas, através de um processo de debates e consultas. Conselhos durante a mobilização eram tanto informacionais

quanto serviam para pequenas decisões de último minuto, através de um processo que buscava consenso mas que recorria ao voto quando necessário. No alto deste movimento, a diversidade de táticas de abordagem realmente abriu espaço para uma sensação poderosa de pluralismo interconectado. Esse é apenas um exemplo de uma ética muito mais ampla que abrange uma gama de esforços para garantir que os comprometimentos compartilhados respeitem e concretamente abram espaço para pessoas com ideias e táticas divergentes.

Acenando em direção à Utopia

"A mudança revolucionária não vem como um momento cataclísmico.. mas como uma sucessão sem fim de surpresas, movendo-se em zigue-zague em direção a uma sociedade mais decente. Nós não precisamos nos engajar em grandes e heróicas ações para participar do processo de mudança. Pequenos atos, quando multiplicados por milhões de pessoas, podem transformar o mundo." - Howard Zinn, em O Otimismo da Incerteza, 2004

Existem três outras coisas cruciais que anarquistas têm em comum. Elas emergem do grito anarquista contra tudo que é injusto na sociedade e evolui da sua raiva contra tudo que obstrui a liberdade substancial. Elas também corporificam a exuberância de tudo que é possível no mundo, sua alegre defesa das éticas que moldam sua práxis variada. Estas três são as Visões Reconstituívas, as Políticas Prefigurativas e as Formas de Auto-organização anarquistas.

Anarquistas estão acostumados a perder. A história da luta por valores não hierárquicos é uma luta trágica e sangrenta. Ainda para citar Moxie Marlinspike, anarquistas "sabem que existem momentos no tempo, mesmo precedendo a derrota, em que as pessoas aprendem mais sobre elas mesmas, e sentem um grande senso de inspiração em relação ao que estão experimentando, que de todas as vitoriosas navegações de George Washington por todos os rios Delaware do mundo". O processo instável de construir um mundo melhor significa lembrar que o Anarquismo é uma tradição muito bela - uma que acolhe outras belas tradições. É sobre lembrar o que os anarquistas e outras pessoas afins criaram através da história. Sim, o objetivo é vencer, mas de várias formas, grandes e pequenas, já ganhamos muito. O Anarquismo faz as perguntas certas acerca da transformação social, e então explora múltiplas formas de respondê-las, mesmo que ele nunca encontre "A Resposta".

Visões Reconstitutivas

O Anarquismo é mais do que uma consciência social ética e vibrante, e mais do que uma crítica e visão social. Os anarquistas não apenas falam sobre melhores formas de organização social. Eles se atiram no modelamento de novos mundos, mesmo que isso signifique construir castelos - ou coletivos, comunas e cooperativas - nas areias da sociedade contemporânea. Anarquistas acreditam que as pessoas irão "pegar" o Anarquismo visceralmente e intelectualmente no processo de vê-lo em ação, ou melhor ainda, experimentando com seus valores por elas mesmas. Isso necessita de práxis. As pessoas não irão desistir do conforto (ou desconforto) do status quo sem algumas ideias do porque deveriam fazê-lo.

De várias formas, os anarquistas apresentam visões reconstrutivas que mapeiam o caminho em direção a uma sociedade além da hierarquia. Visionar este mundo é, claro, parte da prefiguração e da auto-organização. O Anarquismo, ao contrário de outras filosofias políticas, retém um impulso utópico. O conceito de utopia dentro do Anarquismo não é alguma terra muito distante, uma terra do nunca; nem é uma forma de ignorar as necessidades e desejos materiais. Ao invés, é precisamente uma forma de levar em conta a totalidade das necessidades e desejos materiais e não materiais - não simplesmente pão e manteiga, mas pão, manteiga e também rosas - e imaginar formas nas quais todos possam satisfazê-las. O Anarquismo olha para o passado, quando as pessoas viviam formas comunais e auto-geridas de organização; ele vê potencialidades no presente; e ele sustenta uma confiança clara de que os humanos podem fazer sempre melhor no futuro. A sensibilidade utópica do Anarquismo é esta curiosa fé de que a humanidade pode não somente demandar o impossível mas também realizá-lo. É um salto de fé, mas aterrada e vislumbrada a partir de experiências atuais, grandes e pequenas, nas quais as pessoas presenteiam caminhos de vida igualitários uns aos outros através da sua criação coletiva.

O Anarquismo não é somente um ideal; não é apenas um experimento difícil. Nem um diagrama ou um plano rígido. Sua instância reconstrutiva sonha formas de incorporar suas éticas e então tenta implementá-las. Muitas práticas atualmente existentes, anarquistas ou não, ilustram que relações sociais horizontais já são possíveis - e funcionam melhor que relações verticais. Anarquistas instalam produções culturais open source e faça você mesmo para exemplificar ideias imaginativas que inspirem outros a agir.

Eles documentam a história das pessoas em pôsteres; eles pintam janelas para outros mundos em muros públicos ou os publicam em zines; eles usam música indie e mídias independentes para disseminar aspirações libertárias. Anarquistas criam espaços para celebrar formas alternativas de ser e organizar, de carnavais contra o capitalismo a "mercados realmente, realmente livres", até feiras anarquistas e infoshops. Eles desenvolvem contra-instituições como escolas auto-dirigidas e espaços de trabalho auto-gerenciados. Nestes e em outros caminhos, anarquistas experimentam e linkam inovações e indicam as potencialidades para uma transformação social mais ampla.

Políticas Prefigurativas

Política prefigurativa: a ideia de que deve haver uma relação ética consistente entre os meios e os fins. Meios e fins não são a mesma coisa, mas anarquistas utilizam meios que apontam na direção de seus fins. Eles escolhem ações ou projetos baseados em como estes se encaixam em objetivos de longo prazo. Anarquistas participam no presente de formas que eles gostariam de participar, muito mais completamente e de forma muito mais auto-determinada, no futuro - e encorajam outros a fazê-lo da mesma forma. A política prefigurativa então alinha os valores de alguém à sua prática e às práticas da nova sociedade antes que ela esteja completamente em seu lugar.

Ainda, o "fim" no Anarquismo não é uma destinação final. Não é nem predeterminada nem um local único, singular, nem uma revolução após a qual tudo se tornará e permanecerá perfeito. Fins, para anarquistas, são uma constelação de éticas, testadas agora e sempre, que

oferecem grandes quantidades de vida livre, mesmo que as pessoas continuem preenchendo o que a liberdade se parece na prática. Os meios envolvem a jornada em si, que também é uma parte íntima e interconectada com os fins. A relação eticamente consistente entre os meios e os fins é, simplesmente, incorporada no processo em si mesmo, e continuamente melhorar as formas de chegar aqui até ali é o que é revolucionário.

Revolução se torna tanto uma noção grandiosa - aquele sopro de esperança de fundamentalmente refazer o mundo - e algo iminentemente "pegável" que nós podemos tentar aqui e agora. O Anarquismo pede às pessoas que "construam a estrada à medida em que viajam". É no processo de construir novos mundos que a transformação acontece, em como as pessoas se organizam para fazer seu caminho em direção a algo apreciavelmente melhor.

Revolução carrega em si evolução. Anarquistas, como todo mundo mais, precisam se tornar pessoas capazes de sustentar uma nova sociedade. A organização e as instituições de uma nova sociedade necessitam se desenvolver em formas que são capazes de estruturar novas relações sociais. Anarquistas infundem tudo o que fazem com gestos, algumas vezes extravagantes, do que irá substituir, entre outras coisas, o capitalismo e o estado, heteronormatividade e ditadura do mais capaz. Tais atos prefiguram, ou mostram a possibilidade, antecipadamente, de organizações e relações sociais igualitárias. Como tal, elas demonstram e corporificam o poder da imaginação, participação substantiva, e o valor de todas as coisas vivas - todas as quais, no seu máximo coletivamente auto-geradas, poderão realmente quebrar o feitiço dos arranjos de poder de cima para baixo.

Formas de Auto-organização

As visões reconstrutivas do Anarquismo praticam como reorganizar a sociedade. Elas põe a ação direta em Ação!

A ação direta toma uma de duas formas. Sua forma "positiva" ou proativa é o poder de criar. As pessoas fazem coisas agora da forma que elas querem vê-las feitas, de forma crescente, no futuro, sem representantes ou formas verticais de poder. Elas ignoram "altos" poderes, e flexionam seus próprios músculos coletivos para fazer e implementar decisões sobre suas vidas. A forma "negativa" ou reativa de ação direta, o poder de resistir, usa meios diretos de desafiar as coisas ruins - por exemplo, uma greve geral para parar uma guerra.

Ambos tipos de ação direta são úteis, é claro. Eles caminham de mãos dadas. Estudantes, professores e funcionários de uma universidade podem por exemplo ocupar um prédio para protestar contra cortes orçamentários e ao mesmo tempo utilizar processos democráticos diretos para auto-determinar seu curso de ação (que pode então direcionar os ocupantes a querer uma forma totalmente diferente de educação). Um projeto de Vigilância da Polícia pode usar tecnologias de comunicação gratuitas e abertas, como uma rádio livre, como uma forma para as pessoas reportarem diariamente sobre abusos policiais, e ao mesmo tempo desenvolver uma mídia tocada pela comunidade. Mas é quando as pessoas crescentemente tomam conta e se colocam como co-responsáveis, instituindo e participando de organizações não hierárquicas, que elas começam a ter poder de redesenhar a sociedade, ao invés de simplesmente o "poder" de reagir contra aquelas forças que em última

instância têm poder sobre elas.

Fechamos o círculo para a concepção do Anarquismo como aspirando na direção de indivíduos livres dentro de uma sociedade livre. Estamos totalmente no campo da auto-determinação, auto-gestão, e auto-governo, como realidades vivas, mesmo que em formas embrionárias. A única forma de construir estas novas relações e instituições sociais é fundá-las e alimentá-las nós mesmos. Anarquistas estão sempre envolvidos em todas formas de projetos auto-organizados, tanto operando sob a superfície para confeccionar novas bases para uma vida social e ecológica quanto na superfície, em experimentos visivelmente relevantes que refletem noções de senso comum sobre como todos poderiam viver suas vidas em conjunto, bem como as várias formas que já o fazemos.

Muitos projetos anarquistas acontecem dentro de círculos anarquistas ou são direcionados a outros anarquistas. Isso permite aos anarquistas experimentarem com formas de organização entre pessoas relativamente afins que já estão comprometidas com elas. Isso facilita o desenvolvimento da muito necessária infraestrutura auto-gerenciada para desenvolver ideias, construir habilidades e mentorar futuras gerações de anarquistas.

O buraco é bem mais embaixo quando buscamos integrar grupos de pessoas e comunidades não afins, que não estão nesta "pegada" de produzir um mundo melhor para todos, mas ainda presos ao conteúdo, às métricas e métodos capitalistas de geração de escassez, acúmulo, competição, consumo, desenvolvimento através da expansão e exploração dos meios naturais e do trabalho humano a partir de relações hierárquicas de dominação. Nestes

casos, a incompatibilidade é clara e não haverá harmonia de um eventual relacionamento. Se pode escolher um de dois caminhos: enfrentamento ou desaparecimento. Particularmente, acredito que o enfrentamento consome energias enormes que poderiam estar sendo concentradas na criação das estruturas, instâncias e vivências que desejamos multiplicar. Portanto, ser hábil em praticar o desaparecimento da cena do conflito (não confundir com negação ou fuga), é uma habilidade interessante nestes dias de transição.

Os anarquistas não têm todas as respostas, nem buscam ter o monopólio das mesmas. Eles apenas fazem boas perguntas e estimulam que melhores respostas sejam dadas. Não querem um "mundo anarquista", ao invés disso, um mundo igualitário no qual cada um aprenda a pensar e agir por si mesmo levando em conta a coletividade. Anarquistas trazem esta sensibilidade bem como suas capacidades de auto-governança às lutas ao redor do mundo, desde cidades-tenda para aqueles que não têm casas até cooperativas organizadas por grupos de terras comunitárias para aqueles que querem controlar sua moradia.

A auto-organização é a chave para garantir a posse não exclusiva - ou melhor, a posse em comum - da liberdade. Como o Anarquismo consistentemente afirma, a liberdade só é possível quando todas as pessoas compartilham a habilidade de determinar e moldar relações sociais e organizações sociais. A única forma de criar formas de justiça tão amplas é garantir que todos tenham uma porção igual de poder, que nós não apenas discutamos, debatamos e dialoguemos acerca de qual tipo de sociedade e vida cotidiana queremos, mas também resolvamos os

problemas, implementemos, avaliemos e revisitemos aquelas decisões sobre a totalidade da vida. Como essas formas de auto-organização irão se parecer na prática é justamente o escopo do Anarquismo; é o que fazemos - em essência, pesquisa e desenvolvimento voluntário e, desenhando a partir de boas ideias tanto de dentro como de fora do meio social anarquista. O Anarquismo pega emprestado de possibilidades aparentemente impossíveis do passado e do presente. Ele então presenteia estas possibilidades a todos, oferecendo esperança ao apontar em direção a um futuro crescentemente liberador.

O laboratório do Anarquismo é a totalidade da vida. Ele explora o que a auto-determinação iria parecer em relação ao sexo, sexualidade e orientação sexual; ele articula estratégias e contravisiões para oprimidos, colonizados ou ocupados ao redor do mundo. Ele testa novas formas de auto-gerenciamento do espaço de trabalho, enquanto reimagina a ideia de "trabalho" em si mesma, em termos de como as pessoas materialmente produzem e distribuem tudo desde comida, a vestimentas, a energia e a tecnologias de comunicação. Os anarquistas auto-organizam o que hoje é visto como "serviços", de educação a saúde mental e física, a cafés e bibliotecas, a operações de resgate. Eles disponibilizam novos mecanismos de auto-governança, de coletivos e grupos de afinidades, a assembléias de vizinhança, conselhos e confederações - todas inclinadas para a experimentação com métodos de tomada de decisão diretamente democrática e por consenso. Nestas formas e em incontáveis outras, anarquistas dão significado tangível a uma forma de organização social cuja premissa é a Liberdade.

Consolidar a Liberdade

*"Nós podemos não ver os desfechos
Embora possamos ver as pistas
Mas quando você planta uma semente
Ela deve crescer antes de desabrochar"*
- Ryan Harvey, "Ain't Gonna Come Today" - 2006

Os últimos quarenta ou mais anos desembocaram em uma nova era, por alguns chamada de sociedade em rede, idade da informação ou simplesmente globalização. Ao mesmo tempo em que as transformações no capitalismo, nos Estados-nação, tecnologia e cultura abrem novas possibilidades, também são causa para graves preocupações. Agora o Capitalismo está se tornando "verde"; as redes sociais e as tecnologias de comunicação reduzem cada vez mais os laços humanos; as democracias representativas oferecem relações públicas ao invés de redes de segurança, além de monitorização constante e total e neotorturas.

A exacerbação da sensação de insegurança é agora a forma principal que pequenas redes da elite global buscam, para exercer diferentes formas de controle social após os eventos de Seattle em 1999 e os "atentados" de 2001 às torres gêmeas em Nova Iorque.

Para muitos fora dessas redes, isso envolve viver no fogo cruzado das ocupações, guerras civis e sofrer de grande restrição devido a crises ecológicas e econômicas. A noção de cidadãos protegidos por um estado agora parece antiquada, já que milhões de refugiados e excluídos do

sistema (educacional, de saúde, de segurança) vivem em espaço de precariedade e ilegalidade. Para a maioria das pessoas, a vida diária é uma fonte de ansiedade, não apenas material mas também em termos de clara desumanização.

Em contraste, o Anarquismo reemergiu como uma das mais potentes correntes dentro dos atuais núcleos radicais. Uma variedade de movimentos antiautoritários pipocaram mundo afora nas últimas duas décadas, mas o Anarquismo parece ser a única forma de socialismo libertário que fala ao tempo e aos sonhos das pessoas. Aliás, o Anarquismo pode muito bem ter estado além do seu tempo no século XIX, defendendo um mundo de identidades transnacionais e multidimensionais, em lugar por um humanismo substancial baseado no mutualismo e na diferenciação. Os valores anarquistas são estranhamente similares a muitas das mudanças estruturais acontecidas sob a globalização - como a descentralização e a cooperação - tornando-as mais práticas e potencialmente mais atraentes do que nunca. O estado, preocupação primária do Anarquismo de longa data, ao lado do capitalismo, também foi para sempre alterado, se não totalmente minado. Parece não mais deter o monopólio da violência, nem pode mais oferecer o suficiente bem-estar social de modo a garantir a passividade de parte de seu eleitorado, e isso oferece novas aberturas para o mutualismo e a auto-governança.

À medida em que a globalização progressivamente permite que a homogeneidade e a heterogeneidade coexistam, mesmo que frequentemente somente para fins instrumentais, os esforços em andamento do Anarquismo para construir uma unidade em nossa diversidade mais do que nunca sugerem uma práxis revolucionária.

Esse pode muito bem ser lembrado como o "século anarquista", como David Graeber e Andrej Grubacic afirmam. O número de pessoas se identificando com o Anarquismo tem crescido espontaneamente no passado recente. Como os camaradas dos dias que passaram, esses novos anarquistas têm estado ocupados tentando prefigurar seus ideais. Uma melhor sociedade pode ser pré-visualizada em produções culturais (e sociais) do tipo "faça você mesmo", inclusive formas organizacionais, infraestruturas autônomas mas ainda assim enredadas, e nas numerosas formas de de-comodificar as necessidades e os desejos. O Anarquismo do século XXI tem se mostrado crescentemente dinâmico e expansivo. Mais e mais escolas têm se juntado ao adjetivo "anarquista" para amplificar a totalidade do indivíduo e da sociedade - de anarquistas negros a anarquistas tecnológicos (ou ciberanarquistas), de anarquistas pós-estruturalistas a anarquistas gays, e aqueles concentrando-se em questões previamente ignoradas dentro do Anarquismo como a saúde mental. As pessoas estão chegando ao Anarquismo de outras tradições, reformatando-o no processo. Anarquistas são abertos a, aliados a, e criticamente solidários com - e buscam aprender de - toda sorte de movimentos de base do mundo. Eles são, mais do que nunca, formas práticas de auto-organização nos níveis micro, continental e global. Mais importante talvez, as formas de relação social anarquista se tornaram a posição "suave", alógica implícita e frequentemente não creditada, dentro dos movimentos radicais e progressivos globalmente.

Concentrei-me aqui naquilo que o Anarquismo luta na forma de suas mais amplas e ambiciosas visões, afirmando que tão belas aspirações servem como uma consciência necessária em um mundo crescentemente inconsciente. Eu

argumentei que mesmo que o Anarquismo fosse apenas uma sensibilidade ética, a ideia de uma liberdade expansiva pode algumas vezes ser o suficiente para determinar a forma que as pessoas, anarquistas ou não, tentam constituir a liberdade na prática. Felizmente, quando tudo está dito e feito, o Anarquismo é esta grande mas ainda assim modesta crença, abraçada por pessoas através da história humana, de que nós podemos imaginar e também implementar uma sociedade totalmente maravilhosa e materialmente abundante. Esse é o espírito do Anarquismo, o fantasma que assombra a humanidade: de que nossas vidas e comunidades realmente podem ser apreciavelmente melhores. E melhores, e então ainda melhores.

A Promessa Anarquista para uma Resistência Anticapitalista

Esta política radical de resistência e reconstrução a qual chamamos Anarquismo tem transformado a si mesma por décadas. Além de ajudar a dar forma ao atual movimento anticapitalista, ela também ilumina os princípios de liberdade que podem potencialmente deslocar a hegemonia da democracia representativa e o capitalismo.

Desde seu início no século XIX, o Anarquismo sempre sustentou uma série de noções éticas que melhor nos aproximam de uma sociedade livre. Durante sua vida, o anarquista Errico Malatesta (1853-1932) há muito tempo descreveu o Anarquismo como uma "forma de vida social na qual os homens vivem como irmãos, onde ninguém está em posição de oprimir ou explorar ninguém, e na qual todas as formas de atingir o máximo de desenvolvimento moral e material estão disponíveis a todos". Essa simples definição ainda captura os principais objetivos do Anarquismo. Se esta forma libertária de socialismo pode atender a suas próprias aspirações ainda está por ser visto.

A Visão Tornada Invisível

Enquanto as formas de organização e valores desenvolvidos pelos anarquistas podem ser encontradas de forma embrionária ao redor do mundo em muitas diferentes épocas, a estreia do Anarquismo como uma filosofia distinta aconteceu na Europa no meio do século XIX. O "filósofo da liberdade" inglês William Godwin (1756-1836) foi o primeiro pensador do Iluminismo a escrever

uma teoria sustentada da sociedade sem Estados em seu *An Inquiry concerning Politic Justice* em 1793, mas não foi até Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) escrever "a sociedade busca a ordem na anarquia" em seu "O que é a Propriedade?" em 1840, que o termo "Anarquismo" lentamente começou a se organizar nas próximas várias décadas em torno de um núcleo central de princípios reconhecíveis.

Muitas críticas podem ser feitas a Godwin e a Proudhon, este último com sua incapacidade em lidar com a lógica inerente ao capitalismo e suas crenças patriarcais e antissemitas. De fato, foi necessário que o aristocrata russo Piotr Kropotkin (1842-1921) e o intelectual judeu alemão Gustav Landauer (1870-1919) e muitos outros menos proeminentes e menos conhecidos radicais pintassem um quadro mais agradável do Anarquismo clássico: uma filosofia política utópica que negue todas as formas de autoridade e coerção imposta.

Como socialistas, os anarquistas sempre foram particularmente preocupados com o capitalismo, que durante a Revolução Industrial estava causando sofrimento em uma escala inimaginável. Anarquistas primariamente colocaram suas esperanças em transformar as relações sociais entre os trabalhadores, utilizando categorias econômicas que iam desde a luta de classes até o fim da propriedade privada. Toda esquerda revolucionária concordava que o capitalismo não podia ser reformado; ele deveria ser abolido. Mas ao contrário de outros socialistas, os anarquistas sentiam que o estado era tão culpado quanto em escravizar a humanidade, e assim não se poderia usar a máquina do estado - mesmo de uma forma transitória - para nos movermos do capitalismo para o

socialismo.

Como o anarco-sindicalista Rudolf Rocker (1873-1958) proclamou em 1938, "O socialismo será livre, ou não será".

Por esta razão e outras, o Anarquismo evoluiu do socialismo para indicar uma oposição não somente ao capitalismo mas também aos estados e outras instituições compulsórias interligadas, como a religião organizada, a escola mandatária, o serviço militar e o casamento. Por isso é dito sobre o Anarquismo em um senso mais geral que "todos anarquistas são socialistas, mas nem todos os socialistas são anarquistas". Ou, como Joseph A. Labadie colocou, "O Anarquismo é um Socialismo voluntário. Existem dois tipos de Socialismo... autoritário e libertário, estatal e livre".

Ao invés de organizações sociais de cima para baixo, os anarquistas desenvolveram vários tipos de modelos horizontais que podem prefigurar a boa sociedade no presente. Ou seja, os anarquistas mantêm que as pessoas podem tentar construir um mundo novo na casca do velho através de auto-organização ao invés de passivamente esperar até um período pós-revolucionário. Daí a ênfase anarquista na práxis. As alternativas anarquistas eram enraizadas em conceitos-chave tais como associação voluntária, liberdade pessoal e social, comunidades descentralizadas e confederadas, igualdade de condições, solidariedade humana e espontaneidade. As experiências anarquistas pelo mundo nos mostraram a criação de federações, vida comunal, escolas livres, conselhos de trabalhadores, moedas locais e sociedades de apoio mútuo.

O Anarquismo foi parte de uma grande esquerda internacionalista desde 1880 até a Ameaça Vermelha dos anos 20 e a Revolução Espanhola de 1936. Então,

desacreditados, desencantados ou mortos, os anarquistas pareceram desaparecer e, com eles, a filosofia em si. Após a Segunda Guerra Mundial e a derrota do nazismo, pareceu que as duas escolhas políticas eram "democracia" (capitalismo de livre mercado) ou "comunismo" (capitalismo de estado). Perdidos na equação, entre outras coisas, estavam o questionamento da autoridade e a asserção concorrente da utopia trazida pelo Anarquismo.

Reemergência como Convergência

Quando o Anarquismo começou a ser redescoberto na década de 50 pelos esquerdistas procurando uma alternativa ao marxismo ortodoxo, ele então tentou fortemente refazer-se a si mesmo. Os pensadores anarquistas se ocuparam com novas preocupações, que iam desde o consumo compulsivo até a urbanização; novas possibilidades como o feminismo e a liberação cultural; e velhos fantasmas como uma orientação voltada ao trabalho e táticas antiautoritárias e, até, terroristas. O Anarquismo renovado que finalmente emergiu era, de fato, uma convergência de vários impulsos antiautoritários do pós-guerra. Apesar da sensibilidade libertária dos anos 60 e a Nova Esquerda estarem na base, cinco fenômenos são especialmente cruciais à práxis que se tornou famosa em Seattle.

Primeiro, houve a Internacional Situacionista (1962-1972), um pequeno grupo de intelectuais e artistas avant-farge que tentaram descrever um capitalismo em transição. De acordo com os Situacionistas, a alienação básica à produção capitalista que Karl Marx observou agora

preenchia cada orifício; as pessoas não estavam mais alienadas só em relação aos bens que produziam, mas também suas próprias vidas, seus próprios desejos. A forma commodificada agora colonizava também a esfera da vida cotidiana. Como Guy Debord (1931-1994) escreveu, o capitalismo moderno forjou uma "sociedade do espetáculo", ou sociedade do consumo que prometia uma satisfação ainda nunca entregue, tendo a nós como expectadores passivos. Os Situacionistas defendiam disrupções práticas do cotidiano, desde a mídia até a paisagem das cidades, de forma a fragmentar o espetáculo através da imaginação e substituir a drogadição com prazer.

Dos anos 70 em diante, os trabalhos interdisciplinares do teórico Murray Bookchin (1921-2006) também ajudaram a transformar o Anarquismo em uma teoria política moderna. Aproximando a velha e a nova esquerdas, Bookchin fez mais do que qualquer um ampliando a crítica antiestatista/anticapitalista do Anarquismo a uma crítica da hierarquia por si. Ele também trouxe a ecologia como preocupação ao Anarquismo, por conectá-la à dominação. Em uma sentença, parafraseando-o, a crise ecológica é uma crise social. Bookchin enfatizou a possibilidade nascente no presente de uma sociedade ecológica pós-escassez, na qual o uso "racional" da tecnologia, poderia livrar a humanidade para preencher sua potencialidade em harmonia com o mundo natural. De forma mais significativa, ele mandou embora a necessidade de um estado e o substituiu por uma forma de auto-governo democraticamente direto, chamado de "municipalismo libertário". Os escritos de Bookchin apontavam para a cidade ou vizinhança como o local do enfrentamento, radicalização, poder dual e finalmente revolução, com confederações de assembleias de cidadãos livres

substituindo o estado e o capital.

Emergindo da contracultura rural na Nova Inglaterra e então da Costa Oeste - uma contracultura que incluía pacifistas radicais tanto de origem anarquista quanto religiosa - o movimento antinuclear dos anos 70 e 80 dos Estados Unidos usou a desobediência civil, mas infundida com uma sensibilidade anarquista e feminista: uma rejeição de toda a hierarquia, uma preferência por um processo democrático direto, um foco na espontaneidade e na criatividade. Níveis variáveis de confronto não violento nas plantas nucleares, desde bloqueios até ocupações, além do uso de bonecos e solidariedade nas prisões foram decididas nos grupos de afinidades e nos conselhos.

Iniciando nos anos 80, os Autonomen da Alemanha Ocidental deixaram uma marca no Anarquismo também. Os Autonomen rejeitavam tudo desde o sistema existente até todos os rótulos ideológicos, inclusive o de anarquistas. Como uma rede espontânea, descentralizada de revolucionários antiautoritários, eles eram autônomos de partidos políticos e sindicatos; eles também tentavam ser autônomos de estruturas e atitudes impostas "de fora". Isso levava em conta uma estratégia dupla: primeiro, criar espaços comunais livres como ocupas nos quais viver as próprias vidas; em segundo lugar, utilizar a confrontação militante tanto para defender sua contracultura e tomar a ofensiva contra o que eles consideravam repressivo, ou mesmo elementos fascistas. O lançamento de um black bloc mascarado em uma demonstração em Berlim em 1988 durante um encontro do Banco Mundial e do FMI se tornou um evento emblemático dos Autonomen quando, na ocasião, organizaram a criação de vizinhanças autônomas e info-stores, além de batalhas com a polícia e com neo-

nazistas. Os anarquistas sentiram afinidade com os fluxos de autonomia política e os importaram, lincando e modificando ambos no processo.

Por último, mas não menos importante, o dramático Primeiro de Janeiro de 1994, o aparecimento dos Zapatistas no cenário mundial para contestar o Acordo de Livre Mercado Norte Americano chamou atenção dos anarquistas para a importância da globalização como uma preocupação contemporânea com proporções frequentemente delimitantes de vida ou morte. A tomada zapatista dos vilarejos em Chiapas também religou a noção de que a resistência é possível, tanto em regiões pobres quanto ricas. "So você nos perguntar o que queremos, nós iremos sem vergonha responder: Abrir um buraco na História", declarou o Subcomandante Insurgente Marcos. "Nós iríamos construir um outro mundo... Democracia! Liberdade! Justiça!". Para os anarquistas, o uso criativo de altas tecnologias como a internet e baixas tecnologias como encontros na floresta, comunicação de princípios e benefícios práticos, e a tentativa de reclamar o poder popular através de municipalidades autônomas foi especialmente eletrizante. Subitamente, anarquistas de todos cantos apareceram em Chiapas para dar suporte à rebelião, carregando para casa lições para aplicar a um movimento anticapitalista global que um Anarquismo remodelado iria logo ajudar a iniciar.

Mais do que a soma de suas partes

Todas estas fibras de resistência, cada uma delas empurrada por momentos anteriores, costuraram-se e

formaram o tecido do Anarquismo contemporâneo. Dos Situacionistas, o Anarquismo abraçava a crítica da alienação e da sociedade do consumo, e fé na imaginação; de Bookchin, a conexão entre o anticapitalismo, democracia direta, ecologia e pós-escassez; do movimento antinuclear, o foco em grupos de afinidade e conselhos bem como ação direta não violenta; dos Autonomen, confrontação militante, a estratégia dos black blocs e uma ênfase no faça-você-mesmo; e dos zapatistas o poder da internet, a solidariedade cultural cruzada e a globalização para a resistência transnacional. Mas o Anarquismo que ganhou notoriedade em Novembro de 1999 é mais do que a soma dessas partes. É a única filosofia política hoje que aspira equilibrar uma variedade de agentes sociais de mudança e estratégias - ou, em última instância, uma diversidade de táticas, visões e pessoas - com noções universalistas de liberdade participativa fora das instituições e comportamentos impostos.

Ao mesmo tempo em que os anarquistas humildemente compreendem que fazem parte de um grupo maior dentro das múltiplas lutas antiautoritárias, o Anarquismo trouxe um conjunto de qualidades únicas e inseparáveis a estes movimento: uma instância abertamente revolucionária, colorida por uma orientação eminentemente ética, feita para além do ordinário por uma utopia deliciosamente e democraticamente direta.

O Momento Anarquista

Mas ainda, por que Anarquismo?

Porque o Anarquismo definiu os termos do debate. Sua ênfase na revolução social com transparência significa que os anarquistas nunca tiveram medo de nomear a realidade concreta mascarada pelo termo globalização: ou seja, sociedade capitalista.

Mas ainda, por que agora?

Porque a globalização faz as aspirações anarquistas crescentemente necessárias. Longe de ser anti-globalização por si, os anarquistas há muito sonhavam com um mundo sem fronteiras cujo processo de globalização agora torna potencialmente factível. Algumas das características defendidas pelos anarquistas estão postas, como a descentralização e a interconectividade, identidades elásticas e a fragmentação das dualidades, empréstimos criativos, cooperação e abertura. E, mais impressionante, a globalização está estruturalmente detonando com o centralismo estatal!

Em seus dias, Karl Marx (1818-1883) anteviu ao crescimento da hegemonia capitalista e sua habilidade cancerosa de reestruturar todas as relações sociais de acordo com sua própria imagem distorcida. Para Marx, estava destinado a atores sociais certos, em certas condições específicas, a "fazerem história" - ou seja, fazer a revolução e alcançar o comunismo no seu melhor e mais geral senso. Muito do que Marx apontou na época continua verdadeiro até hoje. O projeto heroico de Marx e múltiplos outros socialistas de abolir o capitalismo permanece mais pungente do que nunca, assim como a necessidade de um movimento revolucionário realizá-lo. Daí, o poder do "anticapitalismo".

O Anarquismo tradicionalmente anteviu outro desenvolvimento hegemônico que Marx ignorou: o Estado. Ao contrário do capitalismo, levou muitas décadas mais para que ganhasse o estado de naturalidade que a economia de mercado ganhou. Ironicamente, tanto para estatistas quanto anarquistas, justamente quando a democracia representativa do estilo norte-americano finalmente alcançou a hegemonia como a forma "legítima" de governança, a globalização começou seu trabalho de reduzir o poder dos estados de certas formas - formas que passaram a permitir aberturas para formas horizontais de política. Pensar fora da "caixa estatista" agora faz mais senso a muitas pessoas e rapidamente está se tornando uma realidade, potencialmente oferecendo ao Anarquismo a relevância que há muito desejou.

Nesse contexto, os experimentos anarquistas de organização democrática direta, confederação e apoio mútuo, entre outros, evidencia quão adequadas tais formas são para um mundo cada vez menos estatista e cada vez mais interdependente.

No atual mundo globalizado, entretanto, "não estatista" pode significar tudo desde instituições supranacionais governadas por elites econômicas e organizações não governamentais internacionais até cortes mundiais e zonas de negócios regionais ou indivíduos flutuantes querendo empregar táticas de terror. A globalização dentro da estrutura capitalista pode muito bem dar origem a novas hierarquias e aprofundar a alienação, conformando tudo a sua própria imagem.

Assim como o Marxismo precisou ser repensado no meio do século XX à luz da falha do socialismo de estado em

alcançar a emancipação humana, o Anarquismo precisa ser reteorizado em resposta à mudança em relação ao não-estatismo que impõe reconfigurações multiculturais de monopólios políticos bem como possíveis fissuras para uma ética alternativa. As práticas altamente participativas do Anarquismo de hoje precisam ser continuamente re-imaginadas tanto para manterem-se três passos adiante daqueles que as quiserem cooptar quanto para estar a altura da tarefa de refazer a sociedade.

Tanto teoria quanto prática precisam estar grudadas no presente se a política anarquista deve se tornar mais do que apenas uma nota de rodapé histórica acerca de um momento perdido.

O extraordinário mix de humanos que apareceu nas ruas de Seattle pode encontrar unidade na diversidade precisamente porque os anarquistas puseram em prática seus modelos teóricos, como por exemplo a organização em grupos de afinidade e os conselhos e assembleias, permitindo que centenas de questões díspares encontrassem uma conectividade íntima e pudessem ser apresentadas.

O projeto do presente movimento anticapitalista, e do Anarquismo em geral, é prover uma luz guia, mesmo que não sejamos nós aqueles a finalmente encestarmos a bola.

Em 1919, os anarquistas tomaram o poder em Munique por uma semana durante o curso da Revolução Germânica e rapidamente iniciaram toda sorte de projetos imaginativos para empoderar a sociedade como um todo. Mesmo Landauer sabia que o melhor que ele poderia fazer era construir um modelo para as futuras gerações: "Embora

seja possível que a república do conselho seja apenas curta, eu tenho o desejo - e assim todos meus camaradas - de que deixe atrás de si efeitos duradouros na Bavária, de forma que, esperamos, quando um governo retornar (o que deve ser esperado), círculos sábios possam dizer que nós não fizemos um mau começo, e que não teria sido mau se nos fosse permitido continuar nosso trabalho". Landauer foi morto por uma onda de reação de extrema direita logo após isto, e quatorze anos após os nazistas chegaram ao poder.

Ainda, os grandes experimentos do passado que buscavam uma sociedade livre e auto-governada não se extinguiram - eles reemergiram nas correntes anarquistas contadas aqui e, de forma promissora, a atual contenda contra o capitalismo segue sua luta ao longo de linhas antiautoritárias.

Não é um mau começo para o século XXI.

Democracia é Direta

Por estes dias, as palavras parecem jogadas por aí como se fossem trocados. "Democracia" não é uma exceção.

Ouvimos demandas para democratizar tudo desde organizações nacionais e supranacionais até certos países e tecnologias. Muitos defendem que democracia é o padrão para um bom governo. Outros ainda alegam que "mais", "melhor" ou mesmo uma democracia "participativa" são os antídotos necessários para nossos problemas. No coração desses sentimentos bem-intencionados porém mal guiados bate um desejo genuíno: ganhar controle sobre nossas vidas.

Isso é facilmente compreensível dado o mundo em que vivemos. Eventos e instituições anônimas, frequentemente distantes - quase impossíveis de descrever, muito menos confrontar - determinam se e com o quê nós trabalhamos, se bebemos água limpa, ou se temos um telhado sobre nossas cabeças. A maioria das pessoas sente que a vida não é o que deveria ser; muitos reclamam do "governo" ou das "corporações". Mas além disso, as fontes de nossa miséria social são tão mascaradas que podem até parecer amigas.

Já que as causas reais parecem intocáveis e incompreensíveis, as pessoas tendem a deslocar a culpa para alvos imaginários com uma face: indivíduos ao invés de instituições, pessoas ao invés de poder. A lista de bodes espiatórios é longa: de muçulmanos a negros e judeus, de imigrantes e gays, e assim por diante. É bem mais fácil

gritar com aqueles que, como nós, tem pouco ou nenhum poder.

Um desejo por comunidade - um lugar no qual podemos cuidar de nossa própria vida, compartilhá-la com outros, e construir algo junto que seja de nossa própria escolha - está sendo distorcido ao redor do mundo com nacionalismos, fundamentalismos, separatismos, e como resultado crimes de ódio, homens-bomba suicidas e genocídios.

Comunidade não mais implica um rico reconhecimento do indivíduo e da sociedade: ela se traduz em uma batalha até a morte entre um pequeno "nós" contra outro pequeno "eles", na medida em que as rodas da dominação rolam por sobre nós todos. Os sem poder atropelam os desempoderados, enquanto os poderosos seguem majoritariamente intocados.

De forma mais grave, o horizonte de ação parece ter sido encurtado para uma dualidade pré-determinada pelo próprio sistema. A esquerda não vê escolhas "realistas" fora daquelas que são apresentadas de cima: organizações não-governamentais, participação do Sul global em corpos de tomada de decisão internacionais ou a reforma ou "enverdeamento" dos processos incorretos do capitalismo. Estas e outras demandas são o mínimo dentro do atual sistema. Estão muito longe de poderem ser consideradas uma resposta liberatória. Elas trabalham dentro de uma noção circunscrita e neutralizada de democracia, na qual a democracia não é nem das pessoas, pelas pessoas, nem para as pessoas mas, ao invés, apenas supostamente em nome das pessoas.

"No instante em que uma Pessoa dá a si mesma

representantes, ela cessa de estar livre", proclamou Jean-Jacques Rousseau em "Do Contrato Social". Liberdade, particularmente liberdade social, é claramente antitética ao Estado, mesmo um que seja representativo. No nível mais básico, a representação nos "pede" que doemos nossa liberdade para outrem; ela assume, em essência, que alguns devem ter poder e muitos outros não devem. Sem poder, igualmente distribuído entre todos, nós renunciemos a nossa própria capacidade de se juntar com qualquer um de forma a significativamente moldar nossa sociedade. Nós renunciemos a nossa habilidade de nos auto-determinar e, assim, à nossa liberdade. Assim, não importa quão iluminados os líderes possam ser, eles estão governando como tiranos assim mesmo desde que - nós, as pessoas - somos servis às suas decisões.

Isso não quer dizer que um governo representativo é comparável com formas mais autoritárias de governo. Um sistema representativo que falha na sua promessa de, digamos, direitos humanos universais é claramente preferível a um governo que nem ao menos tem esta pretensão. Mas é insuficiente. Mesmo o sistema representativo mais gentil necessariamente carrega consigo uma perda de liberdade. Como o capitalismo, um imperativo do tipo crescer-ou-morrer está impregnado na própria estrutura do estado. Como Karl Marx explicou em seu *O Capital*, o objetivo do capitalismo é - de fato, precisa ser - "o movimento incessante de criar lucro". Assim, também, existe este objetivo subjacente ao estado: o movimento incessante de criar poder. O impulso para o lucro e o impulso para o poder, respectivamente, precisam se tornar fins em si mesmos. Pois sem estes impulsos, não teríamos nem o capitalismo nem o estado; esses "objetivos" são parte de sua essência. Assim, os dois sistemas de

exploração e dominação frequentemente interligados devem fazer o que for necessário para se sustentar, do contrário serão incapazes de manter seu "movimento incessante".

O que o estado precisa fazer, então, precisa ser feito em seu próprio interesse. Algumas vezes, é claro, os interesses do estado coincidem com os de vários grupos de pessoas eles podem até se sobrepor com conceitos como justiça e compaixão. Mas essas convergências não são de forma alguma centrais ou mesmo essenciais ao seu suave funcionamento. Elas são apenas degraus instrumentais à medida em que o estado se move para manter, solidificar e consolidar seu poder.

Em função disso, gostem ou não, todos os estados são forçados a lutar pelo monopólio do poder. "A mesma competição", escreveu Mikhail Bakunin em **Estatismo e Anarquismo**, "que no campo econômico aniquila e engole pequenos e mesmo médios empreendimentos... em benefício daqueles com vasto capital... também opera no caso dos Estados, levando à destruição e absorção de Estados de pequeno e médio porte em benefício de impérios". Os estados devem, como Bakunin notou, "devorar para não serem devorados". Esse processo de tomada de poder deve quase invariavelmente tender em direção à centralização, hegemonia e métodos crescentemente mais sofisticados de comando, coerção e controle. Em poucas palavras, na jornada em busca do monopólio do poder, sempre deverão existir sujeitos a serem dominados.

Como sistemas institucionalizados de dominação, então, nem o estado nem o capital são controláveis. Nem podem

ser emendados ou tornados benignos. Assim, o grito de guerra de qualquer ativista progressivo ou de esquerda que aceita os termos do estado-nação e/ou do capitalismo é, em última instância, apenas esse: "Sem exploração sem representação! Sem dominação sem representação!"

A democracia direta, por outro lado, está em completa oposição tanto com o estado quanto com o capitalismo. Como um "governo do povo", a lógica subjacente da democracia é essencialmente o movimento incessante de criar liberdade. E liberdade, como vimos, é impossibilitada por padrão em qualquer sistema representativo.

Talvez os novos modelos de democracia líquida, no qual se delega o poder de decidir somente quando é conveniente a cada um, sendo sempre possível diretamente decidir e, quando preferível por cada um, delegar seu poder de decisão a outrem, seja um exemplo de representação que ainda poderá mostrar seu valor a partir dos exemplos que começam a ser utilizados pelo mundo.

A democracia direta, entretanto, é fortemente rechaçada pelas pequenas elites econômicas e políticas que estão no poder, pois se constitui em uma ameaça a quem quer que sejam eles, monarcas, aristocratas, ditadores, governantes eleitos ou presidentes (e mesmo acionistas!) de grandes corporações.

Precisamos retomar aquele projeto ainda não terminado de "viver livremente em cidades livres", em contraposição a aceitar "o estado" como a única forma de governo, como Piotr Kropotkin argumentou em um livro de mesmo nome - se quisermos ter esperança de contestar a dominação instituída.

Como John Dewey colocou em seu "The Public and Its Problems", "A política democrática americana desenvolveu-se a partir de uma vida comunitária genuína... O bairro ou uma área não muito maior era a unidade política, o encontro de bairro o meio político, e ruas, escolas e a paz na comunidade eram os objetivos políticos". Assim era a América na época do século XVIII, constituída por capítulos que se organizavam a partir de encontros locais, nos quais os cidadãos podiam se encontrar regularmente para determinar as políticas públicas da comunidade e compartilhar suas necessidades.

Participar dos debates, deliberações e decisões da sua própria comunidade tornou-se parte de uma vida plena e vibrante; não apenas deu aos colonizadores a experiência e as instituições que mais tarde iriam dar suporte à revolução mas também uma forma tangível de liberdade pela qual valia a pena lutar. Consequentemente, eles lutavam para preservar o controle sobre suas vidas diárias; primeiro com os ingleses pela independência e, mais tarde, entre eles mesmos sobre formas rivais de governança. A constituição final dos Estados Unidos da América, é claro, definiu uma república federativa e não uma democracia direta. Mas antes, durante e mesmo depois da revolução, vez ou outra, encontros de bairro, conselhos populares e assembleias confederativas exerceram seus poderes de auto-gestão ou criaram novos quando estes foram bloqueados - tanto em instituições legais quanto extra-legais - tornando ainda mais radical o processo.

Uma das grandes limitações da esquerda libertária tem sido ignorar a política em si - quer dizer, a necessidade de um lugar garantido para a liberdade emergir.

A banda The Clash cantou anos atrás sobre "rebeldes dançando no ar", e parece que estivemos modelando nossas lutas políticas desse jeito. Podemos nos sentir fortes nas ruas ou construindo ocupações, em nossos infoshops e dentro de nossos encontros coletivos, mas essa é uma sensação momentânea e com frequência privada. Ela nos permite ser políticos, como em reação a, oposição, contraposição, ou mesmo tentando trabalhar fora das políticas públicas. Mas ela não nos deixa fazer política, como em fazer política pública ela mesma. É apenas uma "liberdade de", daquelas coisas que não gostamos, ou mais acuradamente, liberação.

"Liberação e liberdade não são a mesma coisa", lembra Hannah Arendt em "Sobre a Revolução". Certamente, a liberação é uma necessidade básica: as pessoas necessitam estar livres de perigo, fome e ódio. Mas a liberação é muito menos do que a liberdade. Se em algum momento formos para alcançar todas nossas necessidades e desejos, se quisermos tomar controle de nossas vidas, cada um de nós precisa de liberdade de "liberdade para" se auto-desenvolver - individualmente, socialmente e politicamente. Como Arendt adicionou, "[A liberação] é incapaz de mesmo alcançar, quanto mais compreender, a ideia central da revolução, que é a fundação da liberdade".

A questão revolucionária se torna: Onde são tomadas as decisões que afetam a sociedade como um todo? Pois é aí que o poder reside. É tempo de redescobrir o "tesouro perdido" que surge espontaneamente durante todas as revoluções - o conselho, e todas suas variedades imaginativas - como a base para constituir locais de poder para todos. Pois somente quando todos nós tivermos acesso igual e contínuo aos espaços nos quais as

políticas públicas são feitas - a esfera política - a liberdade terá uma chance de lutar para ganhar um espaço.

Espremendo Montesquieu e seu "O Espírito das Leis", podemos depreender que ele afirmava que o problema não é o poder em si, mas o poder sem limites, ou o poder como um fim em si mesmo. O poder precisa sempre estar ligado à liberdade; a liberdade precisa ser o limite colocado ao poder. Tom Paine, em seu "Os Direitos do Homem", por sua vez disse: "O governo no antigo sistema é uma assunção de poder para o engrandecimento de si mesmo; no novo governo, a delegação de poder para o benefício comum da sociedade."

Se a liberdade é um objetivo social, o poder deve ser mantido horizontalmente. Nós todos devemos ser os criadores das regras e estar sob suas orientações ao mesmo tempo. Todos nós devemos manter o poder igualmente em nossas mãos se a liberdade deve coexistir com o poder. A liberdade, em outras palavras, só pode ser mantida através do compartilhamento do poder político, e esse compartilhamento acontece através das instituições políticas. Ao invés de construir um monopólio, o poder deve ser distribuído a todos nós, desta forma permitindo a todos nossos variados "poderes" (de razão, persuasão, tomada de decisão, e assim por diante) aflorar. Esse é o poder de criar ao invés de dominar.

É claro, institucionalizar a democracia direta garante apenas o esqueleto de uma sociedade livre. A liberdade nunca é um negócio fechado, nem uma noção fixa. Novas formas de dominação surgem a cada momento, historicamente. Mas minimamente, as instituições democraticamente diretas abrem um espaço público no

qual qualquer um, se assim escolher, pode chegar junto em um corpo deliberativo e de tomada de decisão; um espaço onde todos têm a oportunidade de persuadir e ser persuadido; um espaço no qual nenhuma discussão ou decisão é feita de forma escondida, e onde ela pode retornar para o escrutínio, responsabilização e reimaginação. Embrionariamente dentro da democracia direta, mesmo que funcione apenas como um mecanismo de construção de políticas verdadeiramente aberto, estão valores como igualdade, diversidade, cooperação e respeito aos valores humanos - esperançosamente, os blocos fundadores de uma ética liberatória à medida em que começamos a autogerir nossas comunidades, a economia e a sociedade em um círculo cada vez crescente de assembleias confederadas.

Como uma prática, a democracia direta precisará ser aprendida. Como um princípio, ela terá que embasar todas as tomadas de decisão. Como uma instituição, ela terá que ser conquistada. Ela não irá aparecer magicamente da noite para o dia. Ao invés, ela irá emergir pouco a pouco a cada luta, como Murray Bookchin escreveu, "democratizar nossa república e radicalizar nossa democracia".

Temos que infundir todas nossas atividades políticas com política. Chegou a hora de uma nova Revolução, mas desta vez uma que quebre os laços do estado-nação, uma que não conheça fronteiras ou mestres, e uma que desenhe a potencialidade da autogovernança libertária ao seu extremo, plenamente emancipando a todos com o poder de agir democraticamente. Isso começa reivindicando a palavra democracia em si - não como uma melhor versão de representação mas como um processo radical para diretamente reconstruir nosso mundo.

Retomada das Cidades: do Protesto ao Poder Popular

"A ação direta obtém os resultados", proclamaram os Trabalhadores Industriais do Mundo há quase um século atrás. Ocupar as ruas e demonstrar poder em resistir de uma forma que os modelos para uma boa sociedade visionaram: uma forma verdadeiramente democrática.

Mas é **realmente** assim que a democracia se parece?

O impulso de "retomar as ruas" é compreensível. Ao início do capitalismo industrial, suas maquinações eram relativamente visíveis. Veja os Cercamentos. Áreas de pasto que eram usadas de forma comunal por séculos para prover aos vilarejos seu sustento foram sistematicamente cercadas de forma a pastorear ovelhas, cuja lã era necessária à indústria têxtil de burguesia. A vida comunal foi rispidamente jogada para o lado em favor da privatização, forçando as pessoas para desagradáveis fábricas em cidades abarrotadas.

O capitalismo avançado, à medida que se expande para além dos grilhões dos estados-nação em sua insaciável jornada pelo crescimento, enclausura a vida de uma forma muito mais expansiva mas geralmente invisível: as cercas são substituídas por uma cultura de consumo. Nós crescemos em um mundo quase totalmente mercantilizado, no qual nada vem de graça, mesmo tentativas fúteis de remover a si mesmo da economia de mercado. Essa mercantilização infiltra-se não somente no que comemos, vestimos ou fazemos por prazer mas também em nossa

linguagem, relações e mesmo em nossa própria biologia e mente. Nós não perdemos somente nossas comunidades e espaços públicos mas o controle sobre nossas próprias vidas; nós perdemos a habilidade de definir a nós mesmos fora da compreensão capitalista, e assim o próprio significado genuíno começa a se dissolver.

Fechar temporariamente as ruas durante uma ação direta oferece espaços momentâneos nos quais praticar um processo democrático, e mesmo oferece um senso de empoderamento, mas tais eventos deixam o poder pelo próprio poder bem como o próprio pavimento embaixo de nossos pés, inalterado. Apenas quando uma série de protestos é escalada até formar uma luta pelo poder popular ou horizontal que poderemos criar rachaduras neste concreto figurativo, abrindo assim caminhos para desafiar o capitalismo, os estados-nação e outros sistemas de dominação.

Nós não estamos jogando a ideia de uma sociedade boa para um futuro distante, mas tentando escavar espaço para ela aqui e agora, embora de forma dificultosa e contorcida pela ordem social vigente. Como agimos agora é como queremos que os outros comecem a agir, também. Nós tentamos modelar uma noção de bondade mesmo à medida que estamos lutando por ela.

Isso pode ser visto de forma implícita nos grupos de afinidade e estruturas de "conselhos de portavozes" (spokescouncils) para a tomada de decisão e ações diretas. Ambos oferecem os espaços necessários no qual nos instrumentalizamos para a democracia direta. Neles, podemos no melhor dos casos, proativamente definir a agenda, cuidadosamente deliberar juntos acerca de

variadas questões, e chegar a decisões que tentar tomar em conta as necessidades e desejos de todos. Uma discussão substancial substitui o voto em urnas; a participação cara a cara substitui a entrega de nossas vidas a representantes; soluções graduadas e arrazoadas substituem aquelas grosseiras e tomadas por duas ou três pessoas. O processo democrático utilizado durante as demonstrações descentraliza o poder mesmo enquanto oferece uma solidariedade tangível; por exemplo, os grupos de afinidade concedem a uma maior e mais diverso número de pessoas uma real parcela do processo de decisão, enquanto os "conselhos de falantes" permitem uma coordenação intrincada - mesmo ao nível global. Isso é, como os ativistas da década de 60 colocaram, o poder de criar ao invés de destruir.

A beleza do movimento de ação direta é que ele esforça-se para realizar seus próprios ideais de coração. Ao fazer isso, ele talvez, até de forma involuntária, criou a demanda por estas práticas de democracia direta em uma forma mais permanente. Contudo a perplexa questão subjacente à "democracia episódica das ruas" continua sem resposta: Como podem **todos** reunir-se para tomar decisões que afetam a **sociedade como um todo** de uma forma participativa, mutualística e ética? Em outras palavras, como pode cada um de nós - não apenas a contracultura ou um movimento de protesto - realmente transformar e em última instância controlar nossas próprias vidas e a de nossas comunidades?

Essa é, em essência, a questão do poder - quem o possui, como ele é usado e com que finalidade. Em vários graus, todos nós sabemos a resposta em relação as atuais instituições e sistemas. Nós geralmente explicamos sobre o

que somos **contra**. Isso é exatamente o porque de estarmos protestando, quer seja contra o capitalismo ou a mudança climática, cúpulas de nações ou econômicas ou guerras. No que temos amplamente falhado em articular entretanto, é algum tipo de resposta em relação aos sistemas e instituições liberatórias. Nós frequentemente não conseguimos expressar, especialmente em nenhuma forma coerente e utópica, ao que somos favoráveis. Mesmo à medida que prefiguramos uma forma de fazer o poder horizontal, equânime e, como consequência, esperançosamente parte de uma sociedade livre, nós ignoramos a visão reconstrutiva que o processo democraticamente direto exhibe bem na frente dos nossos narizes.

Para todos os intentos e propósitos, os protestos de ação direta permanecem presos. Por um lado, eles revelam e confrontam a dominação e a exploração. A pressão política exercida por tal agitação disseminada pode até ser capaz de influenciar as atuais estruturas de poder a reformar alguns dos piores excessos de seu *modus operandi*; os poderes existentes terão que escutar e responder, de alguma forma, quando as vozes se tornam muito numerosas e muito altas. Apesar disso, a maioria das pessoas ainda está excluída do processo de tomada de decisão e, conseqüentemente, tem pouco poder tangível sobre suas próprias vidas. Sem essa habilidade de se autogovernar, as ações nas ruas se traduzem em nada mais do que uma versão contracultural de um lobby de um grupo de interesse, mesmo que muito mais radical que a maioria e em geral não pago.

O que se esquece em relação às mobilizações de ação direta é a promessa implícita em sua própria estrutura: de

que o poder não apenas precisa ser contestado; ele deve também ser constituído "de novo" de uma forma igualitária e liberatória. Isso implica levar os processos de democracia direta a sério - não simplesmente como uma tática para organizar protestos mas como a própria forma de organizar a sociedade, especificamente a esfera política. A questão que então sobrevém: Como começamos a mudar a estratégia, estrutura e valores da ação direta das ruas para o mais básico nível de construção de políticas públicas?

O nível mais fundamental de tomada de decisão é o grupo de afinidade. Aqui, nos reunimos como amigos ou devido a uma identidade em particular, ou uma combinação de ambos. Nós compartilhamos algo em particular; na verdade, essa identidade é frequentemente refletida no nome que escolhemos para nossos grupos. Podemos nem sempre concordar em tudo uns com os outros, mas existe uma quantidade razoável de *homogeneidade* precisamente porque nós conscientemente escolhemos nos reunir por uma razão específica - usualmente tendo pouco a ver com mera geografia. Esse senso de identidade compartilhada permite um funcionamento suave de um processo de tomada de decisão por consenso, já que partimos de um local de comunalidade. Em um grupo de afinidade, quase por definição, nossa unidade precisa ter precedência sobre nossa diversidade, ou nossa suposta afinidade se quebra por completo.

Compare isso ao que pode ser o nível de tomada de decisão mais fundamental em uma sociedade: uma vizinhança ou um bairro. Agora, a geografia possui um papel muito maior. Em função de razões históricas, econômicas, culturais, religiosas e outras, nós podemos acabar morando lado a lado com uma ampla gama de indivíduos e suas várias

identidades. A maioria dessas pessoas não são nossos amigos per se. Ainda, esta mesma diversidade que encontramos é a própria vida de uma cidade vibrante. Os acidentes e/ou numerosas decisões pessoais que nos uniram frequentemente criam uma quantidade suficiente de *heterogeneidade* precisamente porque não escolhemos todos nos reunir por uma razão específica. Nesse contexto, o ponto do qual iniciamos é um de diferença, e os mecanismos de tomada de decisão precisam ser muito mais capazes de permitir a divergência; quer dizer, a diversidade necessita ser claramente retida dentro de qualquer noção de unidade. Como tal, os processos de tomada de decisão majoritários começam a fazer mais sentido.

Então, também, surge a questão da escala. É difícil imaginar ser amigo de centenas, ou mesmo milhares de pessoas, ou mesmo manter uma identidade única com tantos indivíduos. Mas podemos compartilhar um senso de comunidade e esforçar-nos em direção a um bem comum que permita a cada um de nós florescer. Por sua vez, quando números maiores de pessoas se reúnem cara a cara para remodelar suas vizinhanças e bairros, os assuntos e os pontos de vista se multiplicam, e as alianças sem dúvida mudam de acordo com o tópico específico que está sendo debatido. Por conseguinte a necessidade de um espaço no qual podemos nos encontrar como seres humanos ao nível mais cara a cara possível - qual seja, uma assembleia de seres politicamente ativos - para compartilhar nossas muitas identidades e interesses na esperança de harmonizá-los com os interesses da nossa comunidade em tudo que fizemos.

Assim também, a confiança e a responsabilização funcionam de forma diferente nos grupos de afinidade e ao

nível da sociedade civil. Nós geralmente revelamos mais de nós aos nossos amigos; e essas ligações não escritas de amor e afeição nos mantêm mais juntos, ou pelo menos nos dão um ímpeto adicional para resolver as coisas. Por baixo disto existe um grau de confiança maior do que a média, que serve para nos tornar responsáveis um com o outro. Ao nível da comunidade, o reverso é mais freqüente: a responsabilização nos permite confiar um no outro. Esperançosamente, compartilhamos laços de solidariedade e respeito; mas desde que não podemos conhecer bem todos uns aos outros, tais vínculos apenas fazem sentido se nós primeiro os determinarmos juntos, e então os gravarmos, escrevermos, para que todos possam a eles se referir no futuro, e mesmo os revise se for necessário. Estruturas democráticas e responsáveis feitas por nós mesmos, provém as fundações para a confiança, desde que o poder de decidir é tanto transparente como continuamente aberto ao escrutínio.

Existem também questões relativas ao tempo e ao espaço. Os grupos de afinidade são geralmente configurações temporárias - eles podem durar alguns meses, ou alguns anos, mas geralmente não mais do que isso. Uma vez que a razão particular pela qual nos reunimos não é mais um imperativo imediato, ou à medida que nossa amizade esmorece, tais grupos frequentemente caem ao largo da estrada. E mesmo durante o tempo de vida de um grupo, no intervalo entre as ações diretas, não existe um local fixo ou regularidade, tampouco registro de quem decidiu o quê e quando. Além do mais, os grupos de afinidade não são abertos a todos mas apenas aqueles que compartilham uma identidade ou ligação específica. Desta forma, mesmo que um grupo de afinidade pode certamente decidir fechar uma rua, existe em certa instância algo levemente autoritário

em pequenos grupos tomando os problemas em suas próprias mãos, não interessando qual sua persuasão política.

Decidir o que fazer com as ruas em geral - digamos, como organizar o transporte, encorajar a vida das ruas, ou oferecer espaços verdes - deveria ser um assunto aberto a todos os interessados se é pra ser realmente participativo e não-hierárquico. Isso implica na existência de instituições abertas e diretamente democráticas, para tudo desde a tomada de decisões até a resolução de conflitos. Nós precisamos ser capazes de saber onde as assembleias populares estão se encontrando; nós precisamos nos encontrar regularmente e usar procedimentos não arbitrários; precisamos registrar quais decisões têm sido tomadas. Mas mais importante, se assim escolhermos, nós todos devemos ter acesso ao poder de discutir, deliberar e tomar decisões sobre as questões que afetam nossas comunidades e além.

De fato, muitas decisões têm um impacto muito maior do que em apenas uma cidade; transformar as formas de transporte, por exemplo, poderia implicar uma coordenação a nível regional, continental ou mesmo global. Os radicais já muito entenderam tal confiança em si mesmo como uma "comuna de comunas", ou confederação. O modelo de "conselho de falantes" usado durante as ações diretas insinua tal visão alternativa da globalização. Durante um encontro de "conselho de falantes", delegados enviados pelos grupos de afinidade se reúnem com o propósito de coordenação, compartilhamento de recursos e habilidades, a construção de solidariedade e assim por diante, sempre retornando ao nível de base que tem o último arbítrio. Se as assembleias populares fossem nossa unidade básica de

tomada de decisão, a confederação de comunidades poderia servir como uma forma de transcender o paroquialismo e criar a interdependência quando desejável. Por exemplo, ao invés de um capitalismo global e corpos regulatórios internacionais, no qual o comércio é gerenciado de cima para baixo e orientado pelo lucro, as confederações poderiam coordenar a distribuição entre as regiões de forma ecológica e humana, enquanto permitem que as políticas em relação à produção, por exemplo, permaneçam ao nível das comunidades.

Os Zapatistas, a partir de 2001, provaram que as municipalidades podem esforçar-se para se tornar autônomas da máquina do estado e do capital, para colocar preocupações ecológicas e humanas em primeiro lugar, enquanto mantém ligações regionais e globais de solidariedade e apoio mútuo. "Esse método de governo autônomo não foi simplesmente inventado pelo EZLN (Exército Zapatista de Liberação Nacional), mas vem de vários séculos de resistência indígena e da própria experiência dos Zapatistas. É a auto-governança das comunidades. Em outras palavras, ninguém de fora chega para governar, mas as próprias pessoas decidem, entre elas, quem governa e como... E também, através das Juntas de Bom Governo, a coordenação melhorou entre as Municipalidades Autônomas".

Outro exemplo recente foi o movimento de assembleias de vizinhança que eclodiu na Argentina em 2001-02 em resposta a uma crise econômica que simultaneamente deslegitimou a política parlamentar. No final do Dezembro de 2001, um senso crescente de desespero e falta de poder se combinaram para forçar as pessoas não apenas às ruas para protestar de forma barulhenta batendo em seus potes

e panelas (e destruindo caixas 24h) mas também para um diálogo de empoderamento com seus vizinhos sobre o que fazer a seguir - ao nível local, nacional e global. Cerca de cinquenta vizinhanças em Buenos Aires começaram a manter encontros semanais e enviar delegados todos os Domingos para o encontro de uma coordenação geral entre vizinhanças. O Conselho Local da Federação Libertária Argentina explica que as assembleias "eram formadas por desempregados, subempregados e pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade capitalista: incluindo profissionais, trabalhadores, pequenos vendedores, artistas, artesãos e todos eles também vizinhos". Como a Federação Libertária notou, "Os encontros são abertos e qualquer um poderia participar", e comum a todas assembleias era a "não delegação do poder, o autogoverno, e uma estrutura horizontal". Enquanto as assembleias acabaram por não substituir a estrutura do estado, elas forneceram aos argentinos uma visão de sua própria capacidade de fazer políticas públicas coletivamente. "O medo em nossa sociedade se transformou em coragem".

De fato, estes esforços inovadores, mesmo quando não chegam aos resultados esperados de transformação social, terminam inspirando outras tentativas. Na pior das hipóteses, estas frágeis mas espetacularmente belas experiências irão para sempre mudar aquelas pessoas que delas participam, para melhor, por auto-orientar uma nova geração de rebeldes através da prática vivenciada de constituir uma comunidade coletivamente. Elas irão oferecer o suporte moral e material, e servir como a continuidade entre outros esforços similares, em outras partes do mundo. E elas irão também servir como mensagens em uma garrafa para gerações futuras, dizendo que formas confederadas e diretamente democráticas de

tomar decisões sociais, econômicas, políticas e culturais são uma alternativa tangível. Na melhor hipótese, entretanto, tais formas de liberdade irão se expandir até a formação de poderes duais que podem contestar e em última instância substituir as formas de dominação. Elas irão se tornar a base para uma nova política de auto-legislação, auto-governo e auto-julgamento, para sempre estilhaçando o gelado mundo dos estados, do capital e das prisões.

Qualquer visão de uma sociedade livre, se for para ser verdadeiramente democrática, deve é claro ser trabalhada por todos nós - primeiro nos movimentos e, mais tarde, em nossas comunidades e federações. Mesmo assim, nós provavelmente descobriremos que entendimentos há pouco definidos do que significa ser uma pessoa politicamente engajada são necessários no lugar de grupos de afinidade; um híbrido entre a tomada de decisão por consenso e métodos de decisão por votação majoritária que esforçam-se em manter a diversidade são preferíveis ao consenso simples e modelos informais; acordos escritos articulando direitos e deveres são cruciais para preencher a cultura não verbalizada dos protestos; e espaços institucionalizados para a criação de políticas são chave em garantir que nossa liberdade para tomar decisões não desapareça na linha de choque da polícia.

Chegou o tempo de ir além do caráter oposicionista da ação direta infundindo-a com uma visão reconstrutiva. Isso significa iniciar, agora, a traduzir as estruturas do movimento em instituições que corporifiquem a boa sociedade; em resumo, cultivar a democracia direta no local que chamamos de casa. Isso irá envolver o duro trabalho de revigorar ou iniciar encontros cívicos e públicos,

encontros de bairro, assembleias de vizinhança, conselhos de mediação comunitária, todo e qualquer forum no qual podemos nos reunir e decidir nossas vidas, mesmo que apenas em estruturas extralegais inicialmente. Então, também, significará reivindicar a globalização, não como uma nova fase do capitalismo, mas sua substituição por comunidades confederadas diretamente democráticas coordenadas para o benefício mútuo.

Chegou o tempo de mover do protesto para a política, de fechar as ruas para abrir espaços públicos, de demandar restos daqueles poucos no poder para segurar este poder firmemente em nossas mãos. Por fim, isso significa ir além da questão "Ruas de quem?". Devemos perguntar ao invés "**Cidades** de quem?". Então, e só então, seremos capazes de refazê-las como se realmente fossem nossas. E serão.

Epílogo - Caminhos para a Utopia

Caminhos nunca são linhas retas. Eles zigzagueiam, sobem e descem colinas e vales. Eles chegam a becos sem fim. Mas quando colocamos nosso melhor pé adiante, podemos nos aventurar na direção da utopia, em direção a um mundo que venha de baixo, para todos e por todos.

Com grande cuidado encontramos pedras nas quais podemos pisar para os destinos mais maravilhosos. Então nos esforçamos para emendar paisagens inteiras de práticas não-hierárquicas. Chutamos os vidros quebrados do nosso caminho. Às vezes nos perdemos. Mas a passagem precária em si mesma é um mapa para uma sociedade liberadora.

Nos damos as mãos, desejando atravessar de novo. Quando a escuridão desce, construímos acampamentos de fogo a partir das fagulhas da possibilidade, e vemos outras chamas à distância.

Créditos para os Trabalhadores deste Livro

Cindy Milstein

Cindy Milstein é conselheira do IAS (Institute for Anarchist Studies) e co-organizadora da conferência *Renewing the Anarchist Tradition*. Ela tem sido membra coletiva ativa em uma série de projetos anarquistas em seu domicílio, em Vermont, indo desde o *Black Sheep Books* e o *Free Society Collective* até o *Last Elm Café* e o *Old North End Community Food Project*; tem se envolvido em esforços continentais e globais, como os *Left Greens*, o *Don't Just (Not) Vote and Hope from People, Not Presidents*, e o movimento anticapitalista como um todo. Por muitos anos, ela ensinou na escola de verão anarquista conhecida como Instituto de Ecologia Social, e há muito tempo está engajada em campanhas de organização comunitária e em grupos de estudos nos locais onde vive, e educação popular – falas e painéis – em locais nos quais não mora. Seus escritos têm aparecido em vários periódicos, alguns mortos há muito tempo e outros ainda se desenvolvendo, e muitas antologias: *Confronting Capitalism* (Soft Skull, 2005), *Globalize Liberation* (City Lights, 2005), *Only a Begging* (Arsenal Pulp, 2005), e *Realizing the Impossible: Art against Authority* (AK Press, 2007). Cindy sonha com a revolução e, nesse meio tempo, edita livros por dinheiro enquanto trabalha para dar cabo ao capitalismo. Ela pode ser encontrada em cbmilstein@yahoo.com

Rafael Reinehr

Um autodidata eclético. Sua paixão e área de pesquisa e práxis tem sido o que acontece na intersecção entre a

tecnologia, a cultura e o conhecimento livres, mais especificamente no que diz respeito às redes sociais, a resiliência comunitária e a livre cooperação. Fundador da Coolmeia, Ideias em Cooperação, uma incubadora de ideias e soluções altruístas voltadas para o Bem Comum, está envolvido nos últimos anos em uma série de memes e ações que visam para além de questionar a sociedade vigente criar alternativas para um outro mundo possível. Entre outras, idealizou e ajudou a fundar iniciativas como o Simplicíssimo, The Brains Cooperation, O Pensador Selvagem, AntiEditora, Mobiliza Araranguá, Aponte! - Rede de Educadores Livres, A Urbe, Rádio Sofia, Livrai.me, The Lala Gallery, Horta Coletiva, Ágora.CC, One Movie|One Action, Ecovila Bom Encontro, CineAvenida, Ludo de Vivo, Rede Social Cooperativa, Diretório de Organizações, Coletivos e Ativistas do Bem Comum, DesUniversidade Livre, Centros de Educação em Saúde, CoolNet provedor comunitário, Celeiro de Oficinas, Cooperativa de Compras Coletivas, Vizinhocas, Good Food, Mapeando os Ativos, Talentos e Riquezas de uma Vizinhança ou Comunidade, No caminho de casa, Colha sua própria salsinha, Multiálogo de Não Cooperação com o Capitalismo e Co-criação de Alternativas, Solutio – Nuvem de Soluções, Teias de Aprendizagem, DesEscola de Verão Anarquista (DEVA!), Coletivo de Estudos Humanistas Libertários e Anarquistas e bolo'bolo – Centro Social Anarquista e Café Vegano. É pai do Benjamin e do Conrado, os filhos mais amados e espertos do mundo e esposo da linda Carolina. Circulam pelo Solar das Lagartixas (nome carinhoso dado ao lar em que vive) as cadelas Bhali, Catidela e o querido Sancho, além de 11 galinhas “quase” felizes. Sonha em transformar uma área rural de 39 hectares em uma Estação Permacultural e Espaço de Aprendizagem e Vivências Libertárias. O horizonte aí está para nos fazer caminhar.

Bruno Freitas

Pai, analista de sistemas, apaixonado por aprender, louco pra mudar o mundo. Toca iniciativas ainda muito incipientes do "Saber Social", que visa organizar e manter sabedorias populares para reuso e replicação por todos e a iniciativa "Pais Educadores", que visa compartilhar práticas de aprendizagem libertárias que pais e filhos podem usar no seu dia a dia para aprimorar o relacionamento e evoluir juntos.

Luiz Carioca

Deformado em Publicidade e Propaganda e formado em Filosofia. Nascido no Rio de Janeiro em 1979 e criado na Zona Norte, hoje é pai, poeta, anarquista e filósofo. É desbocado quando preciso e preciso quando escreve. Não acredita em leis, em verdades absolutas, nem em receitas de felicidade, mas acredita na revolução permanente.

Agradecimentos efusivos ao **Marco Matos** pela vetorização dos logotipos do CEHLA e da AntiEditora. Seu trabalho excepcional foi o morango que faltava no bolo! ;)

...

Este livro foi impresso em papel pólen 90g, utilizando as fontes Colaborate e Elsie Swash Caps.

Os editores deste livro colaboram com o florestamento.
Monitore: <http://curto.co/florestamento>

Para conhecer alguns companheiros de jornada libertária, visite: <http://bolo-bolo.co/compas/>

"A mudança revolucionária não vem como um momento cataclísmico... mas como uma sucessão sem fim de surpresas, movendo-se em zigue-zague em direção a uma sociedade mais decente. Não temos que nos engajar em grandes e heróicas ações para participar do processo de mudança. Pequenos atos, quando multiplicados por milhões de pessoas, podem transformar o mundo.

Mesmo se não "vencermos", existe diversão e preenchimento no fato de estarmos envolvidos, com outras pessoas boas, em algo que vale a pena. Nós precisamos de esperança. Um otimista não é necessariamente um indiferente, um cantarolador levemente sentimental no meio da escuridão do nosso tempo. Pois ter esperança em tempos ruins não é apenas romantismo bobo. É basear-se no fato de que a história humana é uma história de crueldade, mas também de compaixão, sacrifício, coragem e bondade. O que escolhemos enfatizar nesta complexa história é que irá determinar nossas vidas. Se virmos apenas o pior, ele destrói nossa capacidade de fazer algo.

Se lembrarmos daqueles tempos e lugares - e existem tantos - em que as pessoas se comportaram de forma magnífica, isso nos dá energia para agir, e ao menos a possibilidade de mandar esse topo giratório do mundo em uma direção diferente. E se nós agirmos, mesmo de uma forma pequena, nós não precisaremos esperar por um grande e utópico futuro. O futuro é uma sucessão infinita de presentes, e viver agora da forma que acreditamos que os seres humanos devem agir, em oposição a tudo que existe de tuim ao nosso redor, já é por si uma vitória maravilhosa."

Howard Zinn, em "O Otimismo da Incerteza"

"Você nunca muda a realidade lutando contra ela. Para mudar algo você cria um novo modelo que torna o modelo existente obsoleto."

R. Buckminster Fuller

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar"

Eduardo Galeano

"Somos ricos, muitíssimos mais ricos do que cremos. Ricos pelo que possuímos agora, ainda mais ricos pelo que podemos conseguir com os instrumentos atuais, infinitamente mais ricos pelo que poderíamos obter de nosso solo, de nossa ciência e de nossa habilidade técnica, caso se aplicassem a procurar o bem estar de todos."

Piotr Kropotkin

"Nós desejamos a liberdade e o bem-estar de todos os homens, de todos os homens sem exceção. Queremos que cada ser humano possa se desenvolver e viver do modo mais feliz possível. E acreditamos que esta liberdade e este bem-estar não poderão ser dados nem por um homem, nem por um partido, mas todos deverão descobrir neles mesmos suas condições, e conquistá-las. Consideramos que somente a mais completa aplicação do princípio da solidariedade pode destruir a luta, a opressão e a exploração, e a solidariedade só pode nascer do livre acordo, da harmonização espontânea e desejada dos interessados."

Errico Malatesta